

MESTRADO EM TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGÜÍSTICOS

Relatório de Estágio na RWS:
Tradução técnica no domínio da indústria automóvel

Camila Nunes Pereira

M

2025



Camila Nunes Pereira

Relatório de Estágio na RWS:

Tradução Técnica no domínio da Indústria Automóvel

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, orientada pela Professora Doutora Joana Guimarães

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2025



Este trabalho está licenciado ao abrigo de uma licença CC BY 4.0

Camila Nunes Pereira

Relatório de Estágio

RWS – Tradução Técnica

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, orientada pela Professora Doutora Joana Guimarães

Supervisora do Estágio: Luísa Vaz

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) – Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) – Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) – Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Sumário

Declaração de honra	6
Agradecimentos.....	7
Resumo	8
Abstract	9
Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas	11
Índice de Gráficos	12
Lista de abreviaturas e siglas	13
Introdução	14
1. Descrição do Estágio.....	16
1.1. Processo de candidatura.....	16
1.2. Empresa RWS	17
1.3. Tarefas e fluxo de trabalho	17
1.4. Objetivos do Estágio Curricular	21
2. Tradução Técnica	23
2.1. Enquadramento Teórico: Teoria do Skopos	34
3. As ferramentas de apoio à tradução	36
3.1. Memórias de Tradução	36
3.2. Pós-edição.....	37
3.3. Desafios Gerais: Memórias de Tradução e Tradução Automática	39
4. Tradução Automóvel: dificuldades	43
4.1. Ambiguidade	43
4.2. Slogans	47
4.3. Texto de Partida de difícil compreensão	50
4.4. <i>Tags</i> e <i>Placeholders</i>	53
4.5. Aspetos Gramaticais	57
4.6. Soluções e Estratégias	61
5. O futuro tem IA?	65
Considerações Finais	68

Referências Bibliográficas	70
Anexos.....	73
Anexo 1- Lista de trabalhos realizados durante o estágio	74
Anexo 2- Lista de trabalhos realizados durante o estágio	80

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da/o presente relatório.

Porto, 13 de fevereiro de 2025

Camila Nunes Pereira

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de expressar a minha sincera gratidão à Dr.^a Luísa Vaz, pela orientação e apoio constante ao longo do estágio, bem como a todas as profissionais que constituíam a equipa *Automotive*, que me ajudaram incansavelmente. Um agradecimento à Professora Doutora Joana Guimarães por todos os conselhos e orientação. A todos os professores do Mestrado, que me ajudaram a crescer como profissional. Um reconhecimento especial à Sara, pelo espírito de entreajuda ao longo do estágio. Aos colegas de mestrado, por todas as experiências partilhadas. Aos meus pais, pelo apoio incondicional. À minha irmã, à minha avó e ao Matheus pela motivação. E a todos os que partiram durante o meu percurso académico que sempre acreditaram em mim e me quiseram ver brilhar.

Resumo

Este relatório apresenta e analisa a experiência de estágio curricular desenvolvido na equipa *Automotive* da RWS Portugal, no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que decorreu de fevereiro a maio de 2025. O objetivo deste relatório é demonstrar a aplicação dos conhecimentos teóricos e como foram adquiridas competências técnicas num ambiente profissional. Depois de descrever o processo de candidatura, a empresa, as tarefas desempenhadas e os objetivos, apresenta-se uma breve fundamentação teórica das decisões práticas ilustradas com vários exemplos retirados da minha experiência de estágio. Elencam-se depois as estratégias utilizadas para ultrapassar questões de ambiguidade, informáticas ou gramaticais, como a comunicação com o cliente ou a pesquisa no *Website* do mesmo e, por último, como a área da tradução está em constante evolução graças à tecnologia. Por último, reflete-se sobre o impacto da inteligência artificial no futuro da tradução, em comparação com o impacto anteriormente analisado das memórias de tradução e da tradução automática.

Palavras-chave: indústria automóvel; tradução técnica; inteligência artificial; tradução automática; CAT-tools

Abstract

This report presents and analyzes the curricular internship carried out in the Automotive team at RWS Portugal, within the scope of the Master's Degree in Translation and Language Services at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto, which took place from February to May 2025. The purpose of this report is to demonstrate the application of theoretical knowledge and the development of technical skills in a professional environment. After describing the application process, the company, the tasks performed, and the objectives, the report provides a brief theoretical framework for the practical decisions, which are illustrated with several examples drawn from my internship experience. It then outlines the strategies employed to overcome challenges of ambiguity, technical or grammatical issues, such as client communication or consulting the client's website. Finally, given that translation is a constantly evolving field shaped by technology, the report reflects on the impact of artificial intelligence on the future of translation, in comparison with the previously analyzed role of translation memories and machine translation.

Key-words: automotive industry; technical translation; artificial intelligence; machine translation; CAT-tools

Índice de Figuras

FIGURA 1 – CAPTURA DE ECRÃ DA TASKS DO MÊS DE FEVEREIRO	18
FIGURA 2 – CAPTURA DE ECRÃ DA TIMESHEET	19
FIGURA 3 – CAPTURA DE ECRÃ DE UM COMPARE.....	20
FIGURA 4 – CAPTURA DE ECRÃ DO SEPARADOR TASKS NA PLATAFORMA HELIX.....	21
FIGURA 5 – EXEMPLO DE UM GUIA DE ESTILO DO CLIENTE 2.....	30
FIGURA 6 – EXEMPLO DE UM GUIA DE ESTILO DO CLIENTE 6.....	31
FIGURA 7 – CAPTURA DE ECRÃ DE TAGS REPETIDAS	56
FIGURA 8 – CAPTURA DE ECRÃ DE UM PLACEHOLDER.....	56
FIGURA 9 – EXEMPLO DE UM COMPARE SOBRE DETERMINANTES PESSOAIS E O VERBO "OFERECER"	58
FIGURA 10 – CAPTURA DE ECRÃ DA INTERFACE DO TRADOS STUDIO: LIMITE DE CARACTERES ...	60
FIGURA 11 – CAPTURA DE ECRÃ DE UMA RESPOSTA A UMA QUERY.....	62

Índice de Tabelas

TABELA 1 – EXEMPLOS DE AMBIGUIDADE TIPO 1	45
TABELA 2 – EXEMPLOS DE AMBIGUIDADE TIPO 2	46
TABELA 3 – EXEMPLOS DE SLOGANS.....	49
TABELA 4 – EXEMPLOS DE TEXTOS DE PARTIDA DE DIFÍCIL COMPREENSÃO	51
TABELA 5 – EXEMPLOS DE DIFICULDADES COM TAGS	55
TABELA 6 – EXEMPLOS DE SEGMENTOS COM LIMITE DE CARACTERES	61

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 – CATEGORIAS DOS DOCUMENTOS TRADUZIDOS DURANTE O ESTÁGIO	33
--	----

Lista de abreviaturas e siglas

CAT.....	COMPUTER-ASSISTED TRANSLATION
FULL PE.....	FULL POST-EDITING
GS.....	GROUPSHARE
IA.....	INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
LIGHT PE.....	LIGHT POST-EDITING
MT.....	MEMÓRIA DE TRADUÇÃO
MTQE.....	MACHINE TRANSLATION QUALITY ESTIMATION
NBSP.....	NON-BREAKING SPACE
NMT.....	NEURAL MACHINE TRANSLATION
PE.....	PÓS-EDIÇÃO
QA.....	QUALITY ASSURANCE
RI.....	REGULATED INDUSTRIES
TA.....	TRADUÇÃO AUTOMÁTICA
TC.....	TEXTO DE CHEGADA
TP.....	TEXTO DE PARTIDA
TSP.....	TRANSLATION SERVICE PROVIDER
UI.....	USER INTERFACE

Introdução

O presente relatório tem como objetivo descrever, analisar e refletir sobre a experiência de estágio curricular desenvolvido na equipa *Automotive* da RWS Portugal, no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos. Estagiar nesta empresa traduziu-se numa experiência enriquecedora tanto a nível pessoal como profissional. Consegui aplicar, na prática e num ambiente profissional, os conhecimentos que adquiri na teoria durante o meu percurso académico.

O relatório encontra-se dividido em cinco partes. A primeira descreve o processo de procura de estágio até à decisão final, a empresa RWS e como se encontra dividida, as tarefas realizadas e como era distribuído e cresceu o fluxo de trabalho e, por fim, os objetivos delineados antes do estágio e os cumpridos após o mesmo.

O capítulo dois é dedicado aos estudos da tradução. Este capítulo inicia com a história da tradução técnica, a sua evolução ao longo dos anos, uma análise de conceções erradas sobre esta área e algumas distinções em relação a outros ramos da tradução. Também compreende uma última parte exclusivamente dedicada à Teoria do *Skopos*, onde se introduz também o conceito de instruções para a tradução (*translation brief*).

Durante o estágio realizei não apenas traduções do zero, mas também pós-edições e traduções com a ajuda de memórias de tradução e bases de dados terminológicas e, por este motivo, o capítulo três consiste numa descrição da história, do funcionamento e dos desafios encontrados no uso destas ferramentas, bem como na revisão de textos traduzidos automaticamente.

A parte mais prática deste relatório, o quarto capítulo, apresenta todas as dificuldades que tiveram de ser superadas ao longo do estágio. Para isso, recorre a exemplos práticos de desafios com ambiguidades, slogans, textos de partida de difícil compreensão, *tags* e *placeholders*, aspetos gramaticais e, por fim, as soluções e estratégias que utilizei para superá-los, devidamente sustentadas em termos teóricos.

O capítulo cinco serve de reflexão sobre o tema da inteligência artificial. Embora não seja o tema central deste relatório, surge como tópico incontornável num mundo tecnológico em constante evolução. É impossível fugir ao impacto da inteligência artificial em todas as

profissões e a tradução não é exceção. Apresenta-se uma análise do presente e uma tentativa de previsão do futuro, com exemplos práticos das atuais grandes empresas de tradução.

Para concluir o relatório, apresentam-se as considerações finais. Esta conclusão consiste num balanço geral do estágio, a minha opinião e as minhas aprendizagens, e uma reflexão face às minhas expectativas iniciais.

1. Descrição do Estágio

Este capítulo apresenta o percurso realizado no âmbito do estágio curricular, desde o processo de candidatura até à concretização dos objetivos definidos. Começo por descrever a fase inicial de procura e contacto com empresas, destacando os desafios e etapas de seleção enfrentados (1.1). Em seguida, contextualizo a empresa RWS, onde decorreu o estágio, abordando a sua estrutura, áreas de especialização e a equipa onde fui integrada (1.2). Posteriormente, detelho as tarefas desempenhadas, o fluxo de trabalho e a integração das ferramentas e plataformas utilizadas (1.3). Por fim, apresento os objetivos do estágio, explicando como foram definidos, desenvolvidos e alcançados ao longo desta experiência profissional (1.4).

1.1. Processo de candidatura

No âmbito do projeto de estágio, decidi selecionar um grande número de empresas de tradução para as quais me candidatei. Iniciei a minha pesquisa e complementei-a com a lista entregue pela diretora de curso, Prof. Doutora Elena Galvão.

Enviei emails para um total de 30 empresas, muitas das quais nunca enviaram resposta. A verdade é que o processo de candidatura se revelou um grande desafio, já que dos que responderam, apenas quatro disponibilizavam pelo menos uma vaga. Destes quatro acabei por mandar uma segunda resposta apenas para dois (RWS e uma segunda empresa a que vou chamar empresa Z), pois os outros dois começavam depois da primavera.

No processo de candidatura da empresa Z, passei por uma entrevista inicial de apresentação, um teste (uma tradução de inglês e outra de espanhol) e uma entrevista final onde fui informada de que tinha sido colocada. Quanto à RWS, foi-me pedido que fizesse um teste, que consistia em pequenas traduções de Marketing e outros domínios técnicos, bem como a composição de dois textos em português, com as devidas instruções quanto ao tema e extensão. Por fim, uma entrevista com duas *Line Managers* da empresa. No final do dia, fui informada via email que tinha sido selecionada.

As duas empresas tinham pontos muito fortes e fiquei mais que satisfeita por ter conseguido o lugar para as duas. Acabei por escolher a RWS por uma questão de localização e área de tradução. A sede da empresa Z encontra-se em Lisboa e, infelizmente, seria mais difícil conseguir estar presente e fazer o estágio em regime presencial. Além disto, o foco da

empresa era tradução certificada, o que iria incidir muito em tradução jurídica, enquanto na RWS seria tradução técnica e estaria exposta a um maior número de temas e subtemas a traduzir.

1.2. Empresa RWS

A empresa multinacional RWS conta com escritórios em 34 países. O escritório de Portugal situa-se no Porto, no Campo 24 de Agosto. A equipa portuguesa subdivide-se em cinco equipas: a *Automotive*, uma dedicada ao português brasileiro, uma dedicada a uma grande empresa de software e serviços online, a *Eletronics* e, mais recentemente, a *Regulated Industries* (RI).

A equipa *Automotive*, da qual fiz parte no decorrer do estágio curricular, dedica-se maioritariamente a projetos da indústria automóvel, mas não só. Traduz textos das mais diversas indústrias e pertence ao grupo da tradução técnica. A equipa *Eletronics*, que também aceitou dois estagiários, dedica-se a projetos da área de *Marketing*. A equipa RI, que surgiu durante o período de estágio, traduz projetos de ciências da vida (*life sciences*), de tradução jurídica e de finanças.

1.3. Tarefas e fluxo de trabalho

Os primeiros três dias de estágio foram dedicados à realização de formações necessárias, das quais duas presenciais e cinco módulos online (através da plataforma MyLx da RWS). Os módulos online debruçaram-se sobre a conduta da empresa, como a proteção de dados, como gerir o stress, como melhorar as comunicações interpessoais, como está dividida a empresa e assisti ainda a um módulo sobre pós-edição.

A Dr.^a Luísa Vaz, a orientadora de estágio da equipa *Automotive*, realizou uma pequena formação introdutória sobre como usar a *Tasks* (Figura 1).

Figura 1 – Captura de ecrã da Tasks do mês de fevereiro

Código	Projeto	Início	Prazo	Hora	Tarefa	Total	Novas	75%-84%	85%-99%	100% + CM	Progresso	Lead	Tradutor	PO	Revisor
Camila															
General	Formação Studio I		5/fev	15:00	Training	1,5h						Helena			Camila
PAC_043	DAF Aftersales CMS - 242025	5/fev	10/fev	EOB	PE+RV	402	250	21	79	52	PE done	Joana	Camila		Joana
General	Formação Helix I		11/fev	12:00	Training	1h						Ana Machado			Camila
KGF_021	IM_250203_TF001255 - 2025 Cooling refresh	4/fev	11/fev	EOB	PE+RV	2436	316	8	299	1813	PE done	Nádia	Camila		Nádia
HUS_029	Batch_MPIM_110225	7/fev	11/fev	16:00	PE+RV	436	368	19	49		PE done	Diana	Camila		Diana
General	QA and compare tools		12/fev	12:00	Training	1h						Ana Pinto			Camila
TAA_047	01.OHB_250205_1	5/fev	12/fev	15:00	PE+SC	448	134	28	286		PE done	Regina	Camila		Regina
PAC_044	20250210_Intro eDM	10/fev	11/fev	13:00	PE+RV	466	276	20	112	58	PE done	Joana	Camila		Joana
AGC_032	Batch_Suolahti_13_02_25	7/fev	13/fev	17:00	PE+SC	454	340	20	60	34	PE done	Helena	Camila		Helena
ATC_028	Business_Power Technique_February 06	6/fev	13/fev	17:00	PE+RV	598	590	8			PE done	Regina	Camila		Regina
OMR_012	Job 109 OMRON introduces the E3AS-HF long-range laser sensor	10/fev	12/fev	EOB	PE+RV	414	411			3	PE done	Joana	Camila		Helena
TAA_047	05.WSM_250207	7/fev	12/fev	15:00	PE+SC	585	49	34	502		PE done	Regina	Camila		Luisa
PEK_011	250206_MAR_Mailing_02.2025_alle Sprachen	11/fev	12/fev	12:00	PE+RV	268	219	6	3	40	PE done	Helena	Camila		Helena
ATC_028	BPT_February 10	10/fev	14/fev	16:00	PE+RV	785	642	16	68	59	PE done	Regina	Camila		Regina
HUS_028	18616-60.960.01_all	12/fev	14/fev	16:00	PE+RV	791	419	74	264	34	PE done	Diana	Camila		Andreia
AGC_032	0000014961_en-GB_pt-PT_1_WTPart_0000088116	12/fev	18/fev	17:00	PE+SC	1125	226	70	561	268	PE done	Helena	Camila		Helena
PAC_043	DAF Aftersales CMS - 282025	10/fev	14/fev	EOB	PE+RV	885	531	48	138	168	PE done	Joana	Camila		Joana
TAA_047	04.OHB_250219	19/fev	26/fev	15:00	PE+SC	436	170	85	181		PE done	Regina	Camila		Regina

A *Tasks* consiste num ficheiro Excel partilhado onde se pode visualizar e alterar o estado das tarefas a decorrer. Sempre que recebemos uma tarefa nova, podemos aceder ao documento e verificar o tipo de tarefa, o total de palavras (novas e *fuzzy matches*), bem como quem fará a revisão. Os *fuzzy matches* são segmentos de memórias de tradução que têm uma correspondência aproximada em relação ao segmento apresentado no novo projeto. No caso de terem uma correspondência de 100% são chamados *full matches*. Além disto, podemos verificar o *cost code* (o código do projeto) da tarefa em específico. A orientadora explicou-nos que estes códigos eram importantes para os colocarmos na *timesheet* (Figura 2), o programa que controla quantas horas trabalhamos em cada projeto.

Figura 2 – Captura de ecrã da *timesheet*

The screenshot displays the 'Timesheet - Camila Nunes Pereira' application window. It features a 'Cost Code Selection' section with dropdown menus for 'Cost Code' (FNP_FTOAGX_001), 'Name' (Finn-Power HAI FY 2025), and 'Operation' (3_MT Post-editing). A 'Description' text area provides details about the operation. Below this, there are input fields for 'Manager' (Sevil Dongur-ool), 'Location', and 'Popup' (60 Minutes), along with a link to 'FAQs'. The 'Current Record' section shows 'Start Time' (02/04/2025 14:44:48), 'Duration' (02:24:41), and 'Hours Today' (07:50). At the bottom, a toolbar contains five icons: 'Refresh', 'Away', 'Lunch', 'Exit', and 'Continue'.

A segunda formação presencial foi dada pela Dr.^a Helena Santos. Desta vez, o tema foi o *Trados Studio* e o *GroupShare* (GS). Iniciou com uma abordagem sobre a ferramenta de tradução assistida por computador, *CAT-tool* (*Computer-Assisted Translation tool*), *Trados Studio*, os vários menus e funcionalidades, como implementar memórias de tradução e bases de dados terminológicas, atalhos e como fazer check-in e check-out de projetos online. No caso dos projetos, é que entra o *GroupShare*. O GS é uma plataforma de gestão que ajuda quando há colaboração nos projetos. No entanto, para nós estagiários, funcionou apenas com a “cara” do *Helix*. Apenas trabalhamos com o GS através dos links que recebíamos no *Helix*.

Na terceira formação, dada online pela Dr. Ana Machado já na segunda semana, o tema foi o *Helix*, ferramentas de QA (*Quality Assurance*), ou seja, de verificação da qualidade e específicas para comparar as mudanças entre a própria tradução e a revisão (ferramentas de *compare*). O objetivo desta formação era deixarmos de receber os links do GS e as instruções para cada projeto por email (os *handovers*) e passarmos a aceder a tudo pelo *Helix* (Figura 3). O *Helix* é uma plataforma da RWS que permite aceder a todos os projetos que nos são atribuídos no modo online através do separador *Tasks*. Em modo offline, os projetos são criados diretamente no *Trados*. Além disto, os *compares* (documentos em Excel com a

comparação da nossa tradução com a revisão) também deixariam de ser enviados por email e passaríamos a ser nós a fazê-los. No entanto, continuaríamos a receber feedback esporadicamente, fosse por email ou pelo *Microsoft Teams* (Figura 4). Por último, a formação focou-se na ferramenta de QA *XBench*. Trata-se de um plug-in do *Trados* que permite visualizar erros que o próprio QA do *Trados* não consegue, por exemplo, segmentos iguais traduzidos de maneira diferente.

Figura 33 – Captura de ecrã de um compare

Seg.	Source	Target	Review	Comentário
4	Chinese legislation does not let the ACM module be connected and exchange data in China.	Na China, a legislação chinesa não permite ligar o módulo do ACM nem trocar dados.	Na China, a legislação chinesa não permite ligar o módulo do ACM nem a trocar de dados.	Neste caso, podíamos eliminar a redundância
5	As a result, the ACM module on tractors assembled in Changzhou is not connected to the cab wiring harness and the telemetry is not activated when tractors go to dealerships.	Como resultado, o módulo do ACM em tractores montados em Changzhou não está conectado à cablagem de cabina e a telemetria não é activada quando os tractores vão para os concessionários.	Como resultado, o módulo do ACM em tractores montados em Changzhou não está conectado ligado à cablagem de da cabina e a telemetria não é activada quando os tractores vão para os concessionários.	Utilizamos "ligar" e não "conectar"
12	Before the tractor is supplied to the customer, you must connect the ACM module wiring harness to the cab wiring harness.	Antes de o tractor ser fornecido ao cliente, tem de ligar a cablagem do módulo do ACM à cablagem de cabina.	Antes de o tractor ser fornecido ao cliente, tem de é necessário ligar a cablagem do módulo do ACM à cablagem de da cabina.	Preferencial

No final do estágio, a minha orientadora na empresa, a Dr.^a Luísa Vaz elaborou um relatório de avaliação no *Excel* (Anexo 1). Foi utilizado, como componente avaliativo, um projeto de 1396 palavras, traduzido no final do estágio, onde se contabilizaram os erros de terminologia, precisão, convenções linguísticas, estilo, convenções locais, adequação ao público-alvo, design e formatação, e outros. O erro podia ser do tipo neutro, mínimo, médio, grave, mais que grave ou crítico e era retirado um ponto para cada tipo de erro. No final, obtive uma pontuação de 90,54, sendo 90 o limite para ser aprovado. No entanto, trata-se de um indicador de qualidade que avaliou apenas uma tradução, não refletindo, assim, todo o trabalho efetuado ao longo dos três meses de estágio.

Figura 44 – Captura de ecrã do separador *Tasks* na plataforma Helix

Task Type	Owner	Vendor	Vendor Task List	Priority	Job #	External Job ID	Job Name	System Linked CAT	Project #	Project Name	Client Details	GP Client
Post-Edit	Camila Nunes Pereira				4155876		Batch_080425				Husqvarna AB Husqvarna AB - Group HUS_GGEASX_029	
Translate	Camila Nunes Pereira				4140254	67ea49ce436cd03	Portuguese Tulus UI, HMI and Connect new texts				Prima Industrie Spa Finland FNP_FTOAGX_001	

Eu, juntamente com os restantes três estagiários, comecei por receber tarefas com um número reduzido de palavras, que foram aumentando gradualmente (Anexo 1). Era-nos dada a possibilidade de entrarmos entre as 8h e as 9h30, tendo de fazer um total de oito horas de trabalho mais o tempo utilizado para a hora de almoço (a descontar na *timesheet*). Além disto, foi-nos dada alguma liberdade à sexta-feira para, se tivéssemos compensado ao longo da semana, sairmos mais cedo. O ambiente no escritório era muito acolhedor e todos os trabalhadores, fossem da minha equipa ou não, estavam prontos para ajudar. Tivemos várias atividades de carácter mais lúdico, como o concurso de Carnaval e a sessão de cinema. Além disto, tivemos sempre a nossa reunião semanal de equipa (*coffee break*). Tudo isto contribuiu para que me sentisse à vontade, conhecendo assim com quem trabalhava e sentindo-me realmente parte da equipa.

1.4. Objetivos do Estágio Curricular

O estágio que realizei na RWS Portugal foi uma oportunidade de explorar o universo da tradução técnica, em especial a indústria automóvel e tecnológica. O principal propósito deste estágio era aplicar, neste ambiente profissional, os conhecimentos que adquiri ao longo da minha licenciatura e, principalmente, do meu mestrado. Os objetivos estabelecidos foram pensados de forma a abranger tanto o desenvolvimento de competências técnicas como a integração num ambiente de trabalho colaborativo.

Inicialmente, tal como descrevi no ponto 1.3, era essencial compreender a RWS, desde a sua estrutura até o seu funcionamento. Após concluir as formações sobre a empresa, o objetivo central era conseguirmos aprender a utilizar as *CAT-tools*, aplicando novas funcionalidades avançadas, integrando e configurando as memórias de tradução e bases terminológicas conforme o projeto, e aplicando as diversas verificações de qualidade podendo, assim, fazer uma auto revisão do meu trabalho e melhorar as minhas próprias traduções. A experiência de traduzir projetos de tradução técnica, num contexto profissional e rodeada de tradutoras experientes, repercutiu-se na minha evolução como tradutora, o objetivo principal que tanto eu como a RWS partilhávamos. O acompanhamento diário e a constante partilha de feedback foram essenciais para conseguir evoluir todos os dias.

A pós-edição, sendo cada vez mais uma realidade presente no mercado de tradução, foi também algo recorrente durante o estágio. O trabalho prático com a pós-edição passou por conseguir aplicar uma pós-edição leve, *light post-editing* (*light PE*), ou uma completa, *full post-editing* (*full PE*), conforme necessário, e conhecer o potencial e as limitações da tradução automática (subcapítulo 3.2). Tanto na tradução como na pós-edição era importante aprender a controlar a coerência e a precisão terminológica, aplicando as devidas guias de estilo, enviadas pelo cliente.

Aplicando tudo isto, o estágio visou promover a autonomia, a responsabilidade profissional e a autocrítica. Houve sempre o incentivo de gerir as minhas tarefas, bem como os respetivos prazos, e assumir a responsabilidade pela qualidade do trabalho que entregava. Através das *Tasks*, recebi projetos de diversas empresas das indústrias automóvel e tecnológica, conseguindo cumprir todos os objetivos de aprendizagem estabelecidos no início e saindo desta experiência com um conhecimento aprofundado sobre estas indústrias e aplicação prática da tradução técnica.

2. Tradução Técnica

A tradução não é exceção e, como todas as outras disciplinas, acompanhou a evolução do mundo e as suas tecnologias. Esta disciplina desempenha até ao presente um papel importante na circulação de conhecimento entre línguas e culturas. Representa mais do que apenas uma transferência linguística, é uma prática comunicativa situada num contexto profissional que implica compreender um vasto leque de os domínios e contextos culturais. Como afirma Bassnett:

Translation is not just the transfer of texts from one language into another, it is now rightly seen as a process of negotiation between texts and between cultures, a process during which all kinds of transactions take place mediated by the figure of the translator. (Bassnett, 2014:6).

O presente capítulo analisa a tradução técnica, começando por refletir sobre o modo como tem sido historicamente desvalorizada em relação a outras áreas de tradução. Desafiando esta perceção, explicarei a sua importância, particularmente em relação ao atual mundo tecnológico. Esta análise prossegue com a desconstrução de conceções erradas (*misconceptions*) associadas a esta área de tradução, por exemplo, o debate entre tradução técnica e científica. Menciono também alguns aspetos centrais que caracterizam a tradução técnica, tais como o registo, o público-alvo e os papéis desempenhados no processo de tradução. Estes tópicos são, numa parte final, aplicados numa análise à tradução automóvel.

A tradução técnica tem ocupado frequentemente um lugar periférico nas discussões teóricas (Byrne, 2006:1). Durante muito tempo, foi vista como uma atividade menor, repetitiva, pouco criativa e sem valor literário ou artístico. Esta perceção contribuiu para que não fosse alvo de investigação ou valorização académica, em contraste com áreas como a tradução literária, audiovisual ou até jurídica. É importante aqui salientar que há autores que consideram tradução jurídica como parte da tradução técnica (Cao, 2010:191). Embora eu concorde que ambas utilizam terminologia especializada, são conceitos muito distintos. Byrne apresenta uma perspetiva diferente com a qual eu concordo. Segundo o autor, a tradução técnica está essencialmente ligada a textos de carácter tecnológico, e a presença de terminologia especializada num texto não implica automaticamente que se trate de um texto técnico. Byrne utiliza a tradução jurídica como exemplo e explica que mesmo possuindo um vocabulário e estruturas específicas da área do direito e, por isso, terminologia específica, não se trata de conteúdo tecnológico, portanto, não deve ser classificada como técnica (Byrne,

2006: 3) A tradução técnica é associada, muitas vezes, a tarefas de natureza meramente instrumental ou mecânica, e era muitas vezes vista como uma simples transferência de terminologia de uma língua para outra. Byrne reflete esta realidade ao afirmar que, especialmente em meios académicos,

Technical translation has long been regarded as the ugly duckling of translation, especially in academic circles. Not particularly exciting or attractive and definitely lacking in the glamour and cachet of other types of translation, technical translation is often relegated to the bottom division of translation activity and regarded as little more than an exercise in specialised terminology and subject knowledge. (Byrne, 2006:1)

A metáfora do "patinho feio" retrata esta situação. Trata-se de uma prática subestimada, apesar de ser exigente. Esta desvalorização observa-se também na formação de tradutores, onde, frequentemente, o ensino da tradução técnica é pouco aprofundado. Apesar disto, a tradução técnica não perde o seu valor.

Atualmente, com uma sociedade globalizada, a sua importância é indiscutível. Este ramo da tradução impacta vários setores como a engenharia, a indústria automóvel, a informática, etc. Seja em tradução técnica ou noutra área da tradução, qualquer setor que se queira globalizar necessita de traduzir o seu produto para poder chegar ao maior número de pessoas possível. Kingscott afirma, "It has been estimated that technical translation accounts for some 90% of the world's total translation output each year" (Kingscott 2002:247). Além do que o autor refere em relação aos tradutores técnicos terem de levar produto a todos os cantos do mundo, também têm um impacto direto na segurança dos utilizadores e no cumprimento de normas legais. Uma falha na tradução, por exemplo, de um manual de instalação de um fogão pode comprometer a sua utilização e a segurança de quem o instala e utiliza.

No entanto, como mencionei anteriormente, no âmbito académico, não é dada a devida atenção a esta disciplina. Um dos principais motivos é as semelhanças que apresenta com a tradução científica, o que faz com que frequentemente sejam ensinadas em conjunto. Agrupar estas duas áreas de tradução como sendo apenas uma é uma das conceções erradas que existe em torno da tradução técnica. Byrne afirma, "Despite their similarities, technical and scientific translation are not interchangeable terms". Não obstante os aspetos em comum que a tradução técnica e a científica apresentam, como textos com uma função informativa e

a terminologia, há uma clara distinção entre as duas, “they do interact but they are quite distinct spheres, with separate aims and motivations” (Pinchuck, 1977:14). Enquanto a tradução científica, como explica Byrne, está associada à área da investigação e à publicação de artigos científicos, a tradução técnica é a aplicação prática, de ajudar alguém a fazer algo, “a **technical text** is designed to *convey* information as clearly and effectively as possible, a **scientific text** will *discuss, analyze and synthesize* information with a view to *explaining* ideas, proposing new theories or *evaluating* methods (Byrne, 2012:2). A ciência de hoje pode ser a tecnologia de amanhã e não há como negar isto. No entanto, tal como explica o autor, mesmo que ligadas, agrupá-las numa só área diminui a amplitude do estudo da tradução técnica e altera a perceção que temos sobre esta.

Além de agrupar a tradução técnica com a tradução científica como sendo uma só, existem outras concepções erradas. É verdade que o objetivo da tradução técnica é transmitir com precisão a informação, mas algo que muitas vezes escapa ao público em geral é o facto de os tradutores necessitarem de garantir que transmitem a informação correta. Por vezes, o trabalho da tradução pode incluir a correção de erros factuais ou de convenções culturais e a alteração do registo e estilo para corresponder com o público-alvo do local de chegada. O rigor é importante e traduzir com exatidão é necessário, mas sem esquecer estas exceções. Outra concepção errada é incluir as áreas da tradução económica, financeira e jurídica como parte da tradução técnica. Há uma diferença entre uma tradução com terminologia especializada e tradução técnica, tal como mencionei anteriormente ao referir a distinção entre tradução técnica e jurídica. Não é porque utiliza termos complicados que é automaticamente tradução técnica (Byrne, 2006:3). Além disto, a tradução técnica não é apenas terminologia. Embora possa ser o elemento que se vê primeiro, muitas vezes encontrar um equivalente numa área especializada pode ser mais fácil que, por exemplo, saber escrever um texto técnico, tal como afirma Fishbach, “perhaps, even more important than terminology is actually knowing how to write the texts. Translators need to produce texts which are identical to those produced by technical writers working in the target language” (Fishbach, 1998:2, conforme citado por Byrne, 2006). Outra das concepções erradas em relação à tradução técnica é que o estilo não é um fator importante e, como acrescenta Byrne, “implies that technical translators do not have the same linguistic and writing skills as other types of translator” (Byrne, 2006:4), o que não é verdade. O autor recorre ao exemplo de um folheto de instruções para explicar como o

tradutor técnico necessita de transmitir a informação de forma simples, concisa e sem que deixe dúvidas para o utilizador, ainda que tenha de trabalhar com um espaço limitado. Isto não seria possível sem um bom domínio da língua. Para além da competência linguística, a criatividade também é frequentemente subestimada na tradução técnica. Contudo, à semelhança de outras áreas da tradução, também os tradutores técnicos têm de encontrar soluções linguísticas criativas para assegurar uma boa comunicação (Byrne, 2006:5). Por último, quando se fala em tradução técnica surge muito a ideia de que os tradutores têm de ser especialistas altamente conhecedores do domínio em questão. Antes de iniciar o estágio curricular, talvez fizesse parte do número de pessoas que concordariam com esta perceção. No entanto, com base na experiência adquirida ao longo do estágio, compreendi que, embora o conhecimento especializado seja uma mais-valia, este não é imprescindível. Durante a minha primeira semana, termos como “cablagem”, “coletor de escape” e “polia-guia” não faziam parte do meu vocabulário. Com o tempo e ao longo dos 3 meses, fui adquirindo cada vez mais conhecimento e desenvolvendo uma familiaridade com o léxico e conceitos da área automóvel, o que me permitiu traduzir com crescente autonomia. Byrne explica que os tradutores ganham a vida ao agirem como se fossem licenciados em diversas profissões de áreas em que, geralmente, nunca trabalharam, como se fossem atores (Byrne, 2006:5) e, no meu caso, isto comprova-se. Ou seja, mesmo não sendo especialista, consegui “fingir” com muita pesquisa e até sentir-me à vontade.

Explicadas as concepções erradas associadas à tradução técnica, importa questionar: quais são, afinal, os aspetos a ter em conta ao traduzir este tipo de textos? Um dos principais aspetos para o tradutor é a escolha adequada do registo. Segundo Mona Baker, “Register is a variety of language that a language user considers appropriate to a specific situation” (Baker, 1992:23). Ou seja, cabe ao tradutor construir um texto de chegada que respeite as expectativas do seu público-alvo, assegurando a eficácia comunicativa da tradução. É importante que o leitor compreenda o que está a ler e, por isso, a chave é a simplicidade. Frases excessivamente complexas, que utilizam construções quase poéticas e léxico difícil de compreender, podem comprometer a compreensão e dificultar a execução das instruções pelo utilizador. Neste sentido, Byrne salienta a importância de uma linguagem clara, “keeping things simple, we reduce the amount of work readers have to do and we reduce the risk that something will be misunderstood” (Byrne, 2012:48). A norma ISO 12620 reforça esta

perspetiva ao definir o registo como uma dimensão relacionada com o grau de formalidade do texto, classificando-o em níveis como “very formal, formal, neutral, informal, very informal”. No domínio da tradução técnica, o nível de registo pode variar consoante o público-alvo. No entanto, independentemente do grau de formalidade ou do público-alvo, o objetivo do tradutor deve ser sempre o de privilegiar a linguagem simples e clara (*plain language*), assegurando a acessibilidade e a funcionalidade do texto traduzido.

Como mencionei anteriormente, um outro aspeto importante é o público-alvo, ou seja, o texto é moldado não apenas por quem o escreve, mas também por quem o irá ler. É necessário entender a função do texto para entender a quem se destina. Embora antigamente se pensasse que quem lia textos técnicos eram só especialistas, atualmente sabe-se que isto não é verdade. Tanto uma idosa como um CEO de uma grande empresa podem acabar por ler o manual de instruções de uma televisão, e os dois têm de o compreender (Byrne, 2012:31). Paul Anderson salienta que um texto profissional raramente se destina apenas ao recetor imediato. Pode acabar por ser consultado por diferentes tipos de leitores, tais como, destinatários diretos, “leitores-fantasma” (importantes noutros setores) e leitores futuros (como juristas ou gestores). Ignorar este público aparentemente invisível pode originar em decisões incorretas, ao passo que considerá-lo aumenta a eficácia da comunicação. Para tal, o autor sugere que se identifique os possíveis leitores através de *brainstorming* ou da análise do organograma da organização, de modo a compreender os objetivos e os pontos de vista distintos (Anderson, 1991:86-88). O texto técnico pode assumir diversas configurações, como por exemplo: comunicação *peer-to-peer* (entre profissionais do mesmo nível, como um vendedor para um revendedor). Também pode ser escrito pelo vendedor para quem executa as instruções dos manuais (um mecânico, por exemplo), dos que executam para técnicos, de especialistas para o público em geral ou interessado na área, ou ainda entre especialistas. Esta diversidade de destinatários implica uma adaptação constante do registo e da terminologia, o que reforça a importância da análise prévia do público-alvo.

Estas informações são frequentemente transmitidas através de uma nota de encomenda, denominada *translation brief*. Tendo em conta que o conhecimento do público-alvo é um dos aspetos mais importantes a ter em conta na tradução técnica (Byrne, 2012:33), a *translation brief* demonstra-se importante, já que idealmente o inclui. E o que é uma *translation brief*? É um documento enviado pelo cliente que pode, idealmente, fornecer

informações sobre o contexto, o propósito de utilização e quem irá ler a tradução ou pode apenas incluir os documentos a traduzir, a data e quantas palavras contêm. Caso não sejam disponibilizadas estas informações, o tradutor tem, muitas vezes, de perguntar sobre elas e esperar que lhe seja dada uma resposta, ou mesmo acabar por fazer suposições sobre as mesmas (Olohan, 2016:18,19). Maeve Olohan considera que todas estas informações, quando fornecidas, constituem a *translation brief*. No entanto, Christiane Nord vai mais além e afirma que deve obrigatoriamente conter informação explícita ou implícita sobre os destinatários, a data e o lugar da sua publicação, o meio através do qual será publicado e o motivo da publicação (Nord, 2006:47,48). De forma semelhante, Byrne também defende que a *translation brief* deve ser específico em relação à função da tradução, público-alvo e a data, o lugar e o meio em que será publicado (Byrne, 2006:40). No entanto, tal como referi anteriormente, isto tudo acontece num cenário ideal. Na realidade, muitos clientes desconhecem a importância destas informações e acabam por não as facultar e ainda supor que é da responsabilidade do tradutor saber as respostas que normalmente a *translation brief* contém. Estas ações prejudicam o trabalho do tradutor, já que a escolha errada do registo ou de um termo pode alterar por completo a tradução final.

Mas, para além da tradução em si, quem está presente ao longo do processo? Sager (1994:93-94) identifica quatro participantes: o produtor, o mediador, o agente comunicativo e o destinatário. Neste caso, o tradutor é um dos mediadores, junto com os possíveis editores e revisores, e além dele e do destinatário (abordado anteriormente) encontram-se dois participantes. Estes são o autor do texto de partida e o responsável pela entrega da tradução, que pode ser alguém da empresa ou o próprio tradutor (caso seja freelancer). Também Byrne (2006:12-15) apresentou uma divisão de tarefas no processo de tradução, consistindo em cinco participantes. O *document initiator*, a entidade responsável por pedir a produção de um texto, o *writer* que, como o nome indica, escreve o texto que será traduzido pelo tradutor, o quarto participante. Antes de começar a tradução, o *translation initiator*, terceiro responsável, tem a iniciativa de o querer traduzir e, neste caso, esta pessoa pode ser a mesma que o *document initiator*. Por último, de acordo com Sager, existe o *user*, ou seja, quem vai usufruir do texto de chegada. Uma outra autora, Sue-Ellen Wright, também define os papéis que existem durante o processo de tradução. Começa por referir o autor, depois o *requester*, que corresponde ao mesmo que o *translation initiator* que menciona Byrne, de seguida o *project*

manager, que coordena a tradução, o *translation service provider* (TSP), ou seja, quem fornece a tradução (uma empresa ou um freelancer), o *editor*, que faz as devidas alterações ao texto, e o *end user*, que tal como Sager e Byrne explicam, corresponde ao público-alvo (Wright, 2011:6-7). A tradução técnica envolve uma multiplicidade de intervenientes com diferentes responsabilidades e, por muito complexo que pareça, “it gives only part of the story because there are numerous other people involved in the process of translating scientific and technical texts” (Byrne, 2012:19).

Falar de tradução técnica implica, inevitavelmente, abordar o conceito de comunicação técnica. Além de serem vizinhos próximos, pode ser útil utilizar os conhecimentos desta área e aplicá-los à tradução. Segundo Markel (2001:4), “Producing technical communication involves creating, designing, and transmitting technical information so that people can understand it easily, effectively, and efficiently”. O objetivo da comunicação técnica é, portanto, facilitar a compreensão de determinado conteúdo, orientar a execução de tarefas ou prevenir erros e situações perigosas. Se não tivesse começado a escrever a frase por “A comunicação técnica”, podia perfeitamente estar a descrever tradução técnica. Byrne explica que a comunicação técnica pode ser escrita por dois tipos de pessoas, ou profissionais técnicos (*technical professionals*) ou comunicadores técnicos (*technical communicators*), entre os quais se incluem os tradutores. Ao contrário do primeiro tipo, um *technical communicator* não necessita de ter o mesmo nível de conhecimento, mas sabe qual é a melhor maneira de transmitir informação (Byrne, 2012:26). Assim, o tradutor técnico beneficia sempre se/de compreender como os textos originais são concebidos e quais as estratégias utilizadas pelos seus autores, podendo reproduzir ou adaptar estas soluções na tradução. Quais são as características principais da comunicação técnica? A primeira é o facto de se dirigir a leitores específicos. Os documentos são escritos com um grupo de pessoas em mente, tal como referi anteriormente quando abordei o público-alvo da tradução técnica. A segunda característica é a comunicação técnica como uma ferramenta, ou seja, independentemente do conteúdo do texto, o objetivo é sempre ajudar quem lê a fazer algo. O texto em si não deve entreter, mas sim transmitir a informação certa às pessoas certas (Byrne, 2012:28). A terceira corresponde ao facto de, frequentemente, ser um trabalho colaborativo. Isto pode ser um problema, já que pode causar inconsistências ao longo do texto e, no caso da tradução técnica, quando trabalham vários tradutores no mesmo projeto, é

preciso redobrar a atenção, já que há uma grande possibilidade de isto acontecer. Ou seja, o mesmo conceito ser traduzido de maneiras diferentes ao longo do texto ou simplesmente deixar de fazer sentido quando se salta para outro parágrafo (Byrne, 2012:29). A quarta é que a comunicação técnica usa o design para melhorar a usabilidade, mas como tradutor é improvável que se faça algum trabalho neste sentido.

Ao comunicar algo que é técnico, o tradutor não retira as instruções apenas da *translation brief*. Na prática, grande parte das “minuciosidades” é recebida através dos *guias de estilo*. Estas diretrizes eram normalmente enviadas pelas *lead managers*, as responsáveis por cada conta/cliente. Como se pode observar pelas Figura 5 e Figura 6, os guias de estilo abrangem uma vasta gama de instruções, incluindo o tipo de acordo ortográfico a aplicar (a utilização ou não do novo acordo ortográfico), regras de pontuação, tratamento de acrónimos, decisões terminológicas específicas, orientações sobre o uso de *tags*, e ainda a conversão ou adaptação de unidades de medida entre os sistemas métrico e imperial, entre outros aspetos.

Figura 5 – Exemplo de um guia de estilo do cliente 2

Instruções:

- Acordo novo
- Ignorar os 100% desbloqueados
- **Manter os acrónimos sem tradução**, exceto quando estão por extenso também no source
- **NOVO:** Devemos utilizar aspas duplas.
- Manter a pontuação final do source
- Não utilizar maiúsculas iniciais para termos no meio de frases
- **Opções de UI traduzidas; acrónimos só ficam por extenso se estiverem por extenso no source:**

UI do TOPIx: seguir o MT JLR TOPIx UI Internal;

- Tratamos as rotinas/aplicações como UI – só traduzimos os acrónimos caso apareçam por extenso; caso contrário, mantemos apenas os acrónimos
- Botões físicos do veículo com texto devem ficar bilingues: RES (retomar), CAN (cancelar), etc.
- Retailer deve ser traduzido como “Concessionário”
- Podemos eliminar medidas imperiais e deixar apenas as métricas. Se apenas existir a medida imperial temos de fazer query a pedir a conversão, exceto se já existir uma conversão na TM
- Sempre que uma palavra tiver dupla grafia no novo acordo, utilizar a grafia nova (por exemplo: caraterística, conetor e interrutor)

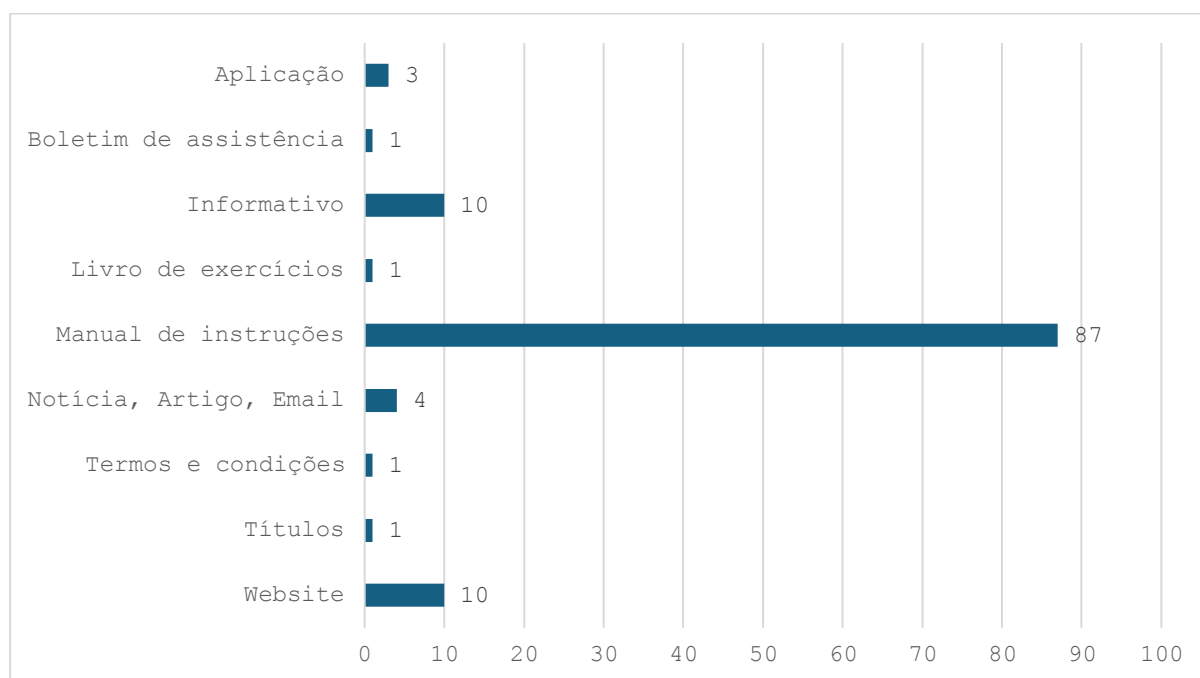
Figura 6 – Exemplo de um guia de estilo do cliente 6

- ✓ Não usar separador dos milhares
- ✓ Seguir sempre a formatação dos símbolos em expoente/índice (superscript/subscript)
- ✓ **VSD** e **(VSD)** são coisas diferentes: nunca adicionar ou remover parêntesis; manter sempre como estiver no source; do mesmo modo, **GA 45** e **GA 45+** são modelos diferentes
- ✓ Não traduzir nomes de óleos/massas lubrificantes (p. ex.: Roto Glide Green, Roto Glide Blue, Roto Glide Amber; Roto Inject Fluid, Roto Xtend Duty Fluid, Roto Z, Roto-Foodgrade Fluid, etc.)
- ✓ “α” faz parte do nome do produto (Elektronikon® α) e nunca deve ser traduzido
- ✓ Se a palavra **compressor**, **model** ou **dryer** não aparecerem no source, **NÃO** as acrescentar no target
- ✓ Não traduzir palavras como **unit/machine** como **secador/compressor** ou qualquer outro nome específico de equipamentos; traduzir sempre como **unidade/máquina**
- ✓ **PDP** e **PDPS** deve ficar em EN
- ✓ **Full-Feature**: mesmo que não seja apresentado com hífen no source, acrescentar **sempre** na tradução
- ✓ Traduzir **sempre** “NA” como “-”.

Constatada a proximidade entre a comunicação técnica e tradução técnica, é necessário perceber que categorias de textos se traduzem na tradução técnica. Segundo Byrne (2012:58-59), a maioria são manuais, regulamentos e relatórios. Ao longo do meu estágio fui apontando cada tipo de texto que traduzi e reuni-os numa tabela (Anexo 1- Lista de trabalhos realizados durante o estágio), para que fosse mais fácil analisar. No âmbito do meu estágio curricular, como fiz parte da equipa *Automotive*, é evidente que a maior parte dos materiais que recebi foi da indústria automóvel, constituindo assim 58,47% dos projetos que traduzi. Nesta tabela que elaborei, dentro do parâmetro “Área temática”, considerei como “Automóvel” tudo o que se relaciona com veículos, sejam estes elétricos, tratores, motores, painéis, ignição, travão, divisão de uma empresa automóvel, etc. Além desta área temática, dispus como parâmetro analítico mais sete áreas, sendo que agrupei cinco delas na categoria

de tecnologia e as duas restantes em “outros”. O grupo das cinco constitui a área temática da tecnologia, 33,90% dos projetos que traduzi, onde se inclui a eletromecânica, a eletrotecnia, a sustentabilidade, a informática e peças e acessórios. Quanto à eletromecânica, considerei todos os projetos que continham dispositivos mecânicos que se acionam eletricamente e que se afastam do que é da área automóvel, tais como ventoinhas, placas de indução, secadores, corta-relvas, etc. Na categoria da eletrotecnia encontram-se textos sobre baterias, correntes elétricas e pilhas. Por outro lado, na categoria da sustentabilidade, tal como o nome indica, considerei textos que abordavam mudanças ou conquistas em prol de um mundo mais sustentável, por exemplo, a diminuição das emissões de CO₂. Na informática juntei tudo o que fosse programas de software e, no último do grupo dos cinco, as peças e acessórios, incluí porta-mangueiras, cofres, leitores de código de barras, bancos, parafusos, lava-loiças, conexões, etc. No grupo de dois, juntei a área jurídica com a de *marketing* por serem áreas pertencentes a outras equipas e que se afastam do que é tradução técnica, correspondendo apenas a 7,63% dos projetos que traduzi. A esta variada coleção de temas adicionei a categoria do documento que tratava. Tal como Byrne referiu e como mencionei anteriormente, verifico que os manuais de instruções foram grande parte do meu trabalho (73,73%). Com variados designs e propósitos, mas sempre com as características individuais da tradução técnica e dos manuais de instruções, tais como, o modo imperativo, o léxico especializado, a estrutura organizada, o uso de imagens para uma melhor compreensão por parte do leitor, a atenção à segurança e a praticidade. Quanto aos restantes decidi dar-lhes uma categorização diferente, conforme apresentado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Categorias dos documentos traduzidos durante o estágio



A indústria da tradução automóvel é um setor com uma grande complexidade técnica e com uma grande variedade de formas. Os exemplos demonstrados acima, através do gráfico 1, representam apenas uma fração das várias categorias de documentos que poderia ter traduzido na empresa RWS. Durante este capítulo mencionei várias vezes as características da tradução técnica e, no caso da indústria automóvel (que predominou no meu estágio), tive de aprender tudo do zero, desde a terminologia própria do setor até à necessidade de atenção redobrada a cada detalhe linguístico ou estrutural. Sejam unidades de medida, formas verbais, tipos de verbos (Ver capítulo 4), ou até mesmo o contexto, a tradução automóvel requer uma atenção rigorosa. A tradução automóvel, mais do que um subdomínio exigente, é um forte ramo da tradução e está em constante crescimento. Santilo destaca um dos motivos quando explica que os fabricantes são obrigados pela lei a produzirem todas as instruções necessárias e manuais de segurança (Santilo, 2020:23). Isto significa que, para comercializar os seus produtos internacionalmente, os fabricantes são obrigados a garantir que os utilizadores compreendem as instruções, o que só é possível ao traduzir de forma clara e eficaz (*Why Are Automotive Translation Services Vital to the Entire Auto Industry?*, 2020). Através do estágio, tive a oportunidade de aprofundar o conhecimento deste ramo especializado e de experimentar em primeira mão as exigências envolvidas em cada projeto. Para entender melhor o processo da tradução técnica, abordarei algumas questões teóricas no próximo capítulo.

2.1. Enquadramento Teórico: Teoria do Skopos

Existem autores que descrevem práticas ou estratégias de tradução que podem ajudar o tradutor a resolver problemas de tradução e, no caso deste relatório, ajudar a justificar algumas escolhas. Como observa Christiane Nord, “a theory of translation can be embedded in a theory of human action or activity. The parameters of action theory may help to explain some aspects of translation” (Nord, 2014, p. 1). Isto significa que ao traduzir as decisões não são aleatórias, mas sim tomadas pelo tradutor com base em intenções comunicativas e em função de uma situação específica. A teoria da tradução é, assim, comparada com a teoria do comportamento humano, já que ambas são ações com propósito, conduzidas por um agente (o tradutor), que faz as suas escolhas com base num objetivo comunicativo (Nord, 2014, p. 1-2). No contexto da tradução técnica, onde as exigências são particularmente rigorosas, a fundamentação teórica torna-se imprescindível. As teorias da tradução fornecem modelos que ajudam a compreender a natureza desta atividade e os critérios que orientam a passagem de um texto entre línguas e culturas.

Com o surgimento das teorias funcionalistas na segunda metade do século XX, a perspetiva sobre a tradução começou a deslocar-se do foco exclusivo na equivalência textual para uma abordagem mais orientada para o objetivo comunicativo da tradução. Entre estas abordagens, destaca-se a Teoria do *Skopos*, formulada por Hans J. Vermeer, que introduziu uma visão inovadora e pragmática: a tradução deve ser entendida como uma ação orientada por um objetivo (o *skopos*), determinado pelas necessidades do cliente e do público-alvo, e vista como uma oferta de informação (Byrne, 2012:12). No entanto, é importante salientar que as teorias funcionalistas não rejeitam por completo as que se focam no texto de partida. Pelo contrário, estas teorias são uma espécie de abordagem híbrida, que considera tanto o texto de partida como o de chegada (Byrne, 2006:31).

Segundo esta teoria, a escolha da tradução mais adequada depende de quem irá ler o texto e da forma como este será utilizado, sendo que as respostas a estas duas questões podem variar entre o TP e o TC. Em determinadas culturas, por exemplo, explicar conceitos básicos num manual de instruções pode ser interpretado como ofensivo, ao passo que noutras tal abordagem é considerada adequada ou até necessária. Por conseguinte, a decisão de adotar uma tradução mais livre ou mais fiel deve ser orientada pelo objetivo comunicativo da tradução (Nord, 2014:29). Para tomar esta decisão de forma fundamentada, o tradutor deve

analisar cuidadosamente o contexto, recorrendo à *translation brief* (abordado no capítulo 2.1), que especifica os requisitos da tradução (Byrne, 2012:12). A *translation brief* não diz diretamente ao tradutor o que fazer, que estratégias usar ou que tipo de tradução escolher. Contudo, fornece as informações necessárias para que o próprio tradutor possa decidir com base nas suas competências e julgamento profissional (2014, 1997:30).

Porém, e como já foi referido anteriormente, a *translation brief* nem sempre é enviado de forma completa ou suficientemente detalhada, o que obriga o tradutor técnico a fazer a devida pesquisa e a “adivinhar” a informação em falta. Neste contexto, a teoria do *skopos* não impõe regras fixas, mas exige uma atuação fundamentada e consciente. Como sintetiza Vermeer:

What the *Skopos* states is that one must translate, consciously and consistently, in accordance with some principles respecting the target text. The theory does not state what principle is: this must be decided separately in each case. (Vermeer, 1989:182).

3. As ferramentas de apoio à tradução

Com o propósito de facilitar e acelerar o trabalho dos tradutores, surgiram as CAT (Computer-Assisted Translation) *tools*. Inicialmente, pensava-se que estas ferramentas de tradução assistida por computador poderiam mudar ou até substituir a profissão do tradutor. Hoje-em-dia sabemos que isto não é verdade. Não substituíram o trabalho dos tradutores e ainda trouxeram a possibilidade de traduzir mais projetos, devido à rapidez que proporcionam. As memórias de tradução, os sistemas de gestão terminológica, *corpora* eletrônicos e até a tradução automática são exemplos de ferramentas que hoje assistem todos os dias os tradutores (Byrne, 2012:17). Embora nem todas as áreas de tradução beneficiem da sua utilização, como é o caso da tradução literária, na tradução técnica o mesmo não se verifica.

Contudo, com todos os avanços também surgem desafios e, por isso, até estas ferramentas magníficas, por muitos pontos fortes que tenham, também têm desvantagens. Nos próximos subcapítulos farei uma análise sobre as memórias de tradução (3.1), a pós-edição (3.2), um ramo da tradução que surgiu graças à tradução automática e sobre os desafios inerentes às duas (3.3).

3.1. Memórias de Tradução

Desde meados dos anos 90, os tradutores começaram a implementar memórias de tradução no seu trabalho. As memórias de tradução (MT) podem ser definidas como uma coleção de textos ou segmentos de partida alinhados respetivamente com as suas traduções noutro idioma (Kenny, 2011:6). Estas armazenam os segmentos para que, se necessário, possam ser reutilizados num projeto seguinte (Olohan, 2016:44). De acordo com as predefinições selecionadas e conforme o tradutor for traduzindo, a memória de tradução procura o segmento mais semelhante, conhecido como *fuzzy match* e mostra a percentagem de semelhança.

Os *fuzzy matches* podem variar em termos de percentagem, sendo que, durante o estágio, usei apenas *fuzzy matches* maiores que 75% e até 100%, ou seja, *full matches*. Por consequência, quanto mais segmentos de traduções antigas estiverem armazenados, maior é a possibilidade de haver um *fuzzy match* (Byrne, 2006:212). Existe também a possibilidade de

haver um *context match*, que ocorre quando é detetado que um segmento confirmado e que se encontra na MT corresponde a 100% ao segmento que se apresenta por editar.

Quando iniciávamos um novo projeto, a primeira tarefa consistia em criar uma memória de tradução (MT) temporária. No nosso ambiente de trabalho, criávamos uma página intitulada “MT Temporárias” e, dentro desta, uma outra página com o *cost code* (capítulo 1.3) do projeto em mãos. Dentro de cada *cost code*, colocávamos a respetiva MT, criada no Trados Studio. Qual o objetivo? Ao criar uma MT, asseguramos que reciclamos trabalho antigo, não perdendo tempo a traduzir algo que traduzimos anteriormente. Além disto, garantimos que há uniformidade e coerência tanto ao longo do texto como entre textos (Olohan, 2016:44). Mas, o aspeto mais importante é o detalhe de criarmos uma para cada conta. É importante perceber que cada conta tem as suas exigências e pertence a um domínio específico. Tal como irei abordar no capítulo 4.1, há termos que têm equivalentes diferentes consoante o tipo de documento, a área e muitas vezes a opção do cliente. Por isso, é importante não usar a mesma memória de tradução para todos os projetos, incluindo contas diferentes. Assim, evita-se o erro de reutilizar uma tradução que, embora pareça ter semelhança percentual, na realidade não é adequada para o contexto.

Além do já mencionado, as memórias de tradução, bem como os glossários, permitem ao tradutor pesquisar por termos e as suas traduções. Para além de termos isolados, o tradutor consegue também pesquisar expressões ou, até, procurar um termo específico para obter frases que o ajudem a contextualizar ou a familiarizar-se com escolhas anteriores e preferências do cliente. Por isso, as MT acabam por funcionar como uma maneira de resolver problemas de tradução.

O que nos anos 90 era uma novidade, hoje é considerado uma competência essencial para um tradutor técnico. Criar memórias de tradução, implementar as existentes, saber analisar o que elas representam e ajustar as suas configurações não deve ser uma tarefa demorada, já que faz parte da rotina do tradutor. Afinal, este é o objetivo principal desta CAT-tool, facilitar o trabalho do tradutor.

3.2. Pós-edição

Com o avanço da tradução automática (TA), surgiu um novo ramo da tradução, que passou a ser parte integral do dia a dia dos tradutores. Este ramo, a pós-edição (PE), entrou a medo na indústria, já que muita gente falava na hipótese de a tradução automática em si vir

substituir o trabalho do tradutor por completo. Mas, na realidade, verificou-se apenas uma mudança nos serviços de tradução. Com a evolução da TA para a *Neural Machine Translation* (NMT), a qualidade dos resultados das traduções melhorou, permitindo que fosse possível trabalhar com estes resultados. A razão por detrás da melhora da qualidade surge do facto do sistema de NMT utilizar redes neuronais artificiais que imitam a maneira como o tradutor pensa e traduz. Esta categoria de tradução automática tenta identificar padrões e reproduzi-los, através de corpora paralelo.

A sua correção, a pós-edição, possibilita aos clientes solicitar mais traduções em menos tempo e, além disto, pagar menos por este serviço (O'Brien, 2021:178). A pós-edição consiste na revisão de textos gerados por ferramentas de tradução automática, como o *DeepL* ou o *Google Translate*, com o objetivo de os tornar aceitáveis do ponto de vista linguístico, funcional e comunicativo, tal como sustenta O'Brien, "Post-editing is basically a form of translation revision, except that the post-editor is revising translation produced automatically by MT [Machine Translation] system, rather than translation produced by a (human) translator (O'Brien, 2021:177). A pós-edição não é apenas um complemento tecnológico, mas uma etapa fundamental que exige do tradutor competências específicas.

Segundo Mossop (2020:215), a pós-edição pode ser classificada em dois níveis: a *light post-editing* e a *full post-editing*. A diferença entre as duas é que enquanto na *full PE*, a mais comum durante o estágio, o tradutor tem de fazer todas as alterações necessárias para produzir um texto tal como se fosse traduzido por um humano desde o início, na *light PE* o tradutor apenas necessita de tornar o texto compreensível e substituir os erros graves, ou seja, qualquer correção decorrente de preferência pessoal não entra nesta categoria, "if in doubt, don't change it" (Mossop, 2020:216). Na *light post-editing*, é necessário garantir que nenhuma informação tenha sido acidentalmente adicionada ou omitida, que são eliminados conteúdos culturalmente inadequados, que se cumpre as regras básicas de ortografia e que se mantém o máximo do conteúdo gerado pela TA (Mossop, 2020:214-215). Na *full post-editing*, além do mencionado para a outra categoria de pós-edição, o texto deve ser gramatical, sintática e semanticamente correto, com a terminologia corretamente traduzida, incluindo os termos não traduzíveis indicados pelo cliente.

O trabalho de pós-edição tem tanto mérito quanto o da tradução. Independentemente de ser mais rápido ou não, requer um esforço cognitivo elevado, tal como no processo de

tradução. Com o objetivo de analisar os dois lados da moeda, juntei dois estudos que analisam o esforço cognitivo destes dois ramos. Green *et al* (2013:8) sugere que a pós-edição embora seja mais rápida, requer um maior esforço cognitivo. Os autores afirmam que os tradutores, ao realizarem pós-edições, fazem menos pausas, mas que estas são mais longas. Este estudo conclui que os resultados da tradução automática evoluíram significativamente, o que levou 69% dos tradutores participantes a preferirem a pós-edição. No estudo de Gaspari *et al* (2014: 66-68), os tradutores também concluíram que a pós-edição é mais eficaz em termos de produtividade, embora houvesse pares linguísticos, como o do alemão para o inglês, relativamente aos quais se chegou à conclusão oposta. No entanto, em termos de decisão final, as opiniões caminharam no mesmo sentido, afirmando que é preferível a tradução à pós-edição. Ou seja, independentemente dos resultados da rapidez ou das vantagens da produtividade, os tradutores ainda não estão preparados para largar o gosto pela tradução do zero por aquela que permite traduzir, segundo os dois estudos, mais material. Este tópico abre portas para o próximo subcapítulo, em que abordarei alguns desafios inerentes às memórias de tradução e à pós-edição que experienciei durante o estágio.

3.3. Desafios Gerais: Memórias de Tradução e Tradução Automática

Na indústria, os projetos incluem, por vezes, tanto memórias de tradução como tradução automática, resultando assim numa pós-edição de duas fontes. Assim, tal como afirma Mossop, “the segments that have no ‘good’ matches (usually greater than 75%) are then passed through a Machine Translation engine (Mossop, 2020:221). Individualmente, estas duas ajudas do tradutor podem trazer algumas dificuldades e duplicam quando usadas em simultâneo.

As Memórias de Tradução (MT) têm sido uma ferramenta essencial para tradutores, especialmente em grandes projetos, já que estes exigem consistência e rapidez. No entanto, enquanto as MT oferecem grandes benefícios, como a reutilização de traduções anteriores e a melhoria da produtividade, também apresentam desafios que podem comprometer a qualidade da tradução. Um problema comum surge quando as MT contêm entradas desatualizadas ou incorretas. Se houver um erro factual numa MT, e não for detetado, este erro irá propagar-se por vários projetos, o que compromete a qualidade de todos eles. Ao traduzir, há um instinto de “confiança” nos trabalhos anteriores, que foram traduzidos e revistos por colegas, o que leva a que haja erros não detetados. Além disto, os próprios

clientes podem mudar de ideias acerca de como se traduz um certo termo e, caso seja um termo recorrente, resulta em centenas de entradas desatualizadas nas MT. Durante o estágio tive um exemplo claro disto, um cliente alterou a sua estratégia e preferiu manter o nome da marca em inglês, enquanto as memórias de tradução estavam carregadas com traduções anteriores em português. Esta discrepância gerou dúvida e, no fim, a necessidade de alterar todos os segmentos onde aparecia o nome da marca, o que não teria acontecido se a memória de tradução estivesse atualizada.

Além disto, as memórias de tradução apresentam um outro problema quando se trata de *fuzzy matches*. Por exemplo, embora teoricamente um fuzzy match de 99% pareça indicar que a tradução não precisa de quase nenhuma alteração e que, provavelmente, se trata apenas de uma *tag* a mais ou a menos, ele pode ocultar erros graves, como a mudança de significado. Por exemplo, no caso de passar de uma frase afirmativa para uma negativa. A alteração de um “should” para um “should not”, por ser pequena, pode passar despercebida, mas tornar-se num erro grave de tradução e comprometer a segurança dos utilizadores (no caso de um manual de instruções). Outro desafio relacionado com as MT ocorre quando os segmentos com fuzzy matches de 75% exigem uma pausa excessivamente longa para análise. O tradutor acaba por gastar tempo a rever e a ajustar algo que poderia ser traduzido de maneira mais direta e eficiente traduzindo logo do zero. Já que, muitas vezes, depois de perder algum tempo a rever o segmento, o tradutor percebe que não dá para “aproveitar” a entrada da MT, já que a diferença dos 75% é maior do que aparentava para o sistema. Mas, nesta altura, já o tempo foi perdido e o tradutor tem de começar do zero este segmento.

Embora a tradução automática (TA) tenha avançado significativamente, especialmente no domínio técnico, ela ainda não é perfeita. Por norma, textos técnicos, como manuais de instruções, tendem a sair-se bem com a TA, uma vez que utilizam uma linguagem mais objetiva e menos sujeita a ambiguidades culturais ou estilísticas. No entanto, isto não significa que a TA seja infalível. Em textos que contêm terminologia específica do cliente, como nomes de peças e conexões, o trabalho de pós-edição torna-se consideravelmente mais desafiador. O tradutor pode acabar por fazer pausas demasiado longas perdendo, assim, muito mais tempo a corrigir do que se escrevesse logo do zero (à semelhança do problema dos *fuzzy matches* de 75%). Além disto, um dos problemas mais recorrentes na prática de pós-edição é a diferença entre os tipos de revisão solicitados. Muitas vezes, é pedida uma *light post-editing*, o que

significa que o tradutor apenas tem de corrigir os erros mais graves. Contudo, o que acontece na prática é que, ao tentar fazer o que foi pedido, o tradutor encontra tantos erros, tanto gramaticais quanto estruturais e de terminologia, que acaba por ser "forçado" a realizar uma *full post-editing*.

Outro desafio recente, com a introdução da NMT, é o surgimento de neologismos. As traduções automáticas, embora cada vez mais precisas, podem produzir palavras novas que, apesar de parecerem corretas à primeira vista, são inexistentes e incorretas na língua portuguesa. Os neologismos são particularmente enganosos, porque a TA baseia-se em padrões reais de criação de novos termos para criar termos que não existem. O tradutor pode não perceber que o termo não existe, devido à semelhança de outros termos, ou cair na tentação de aceitar a recomendação da máquina sem verificar a existência do termo, o que pode levar a erros graves na tradução. Além disto, a utilização da NMT também apresenta desafios em relação à uniformidade e coerência terminológica. Como estes motores de tradução aprendem com grandes corpora de dados, a tradução de um termo técnico pode ser inconsistente, dependendo do contexto. Por exemplo, a TA pode traduzir uma peça de uma maneira num segmento, mas sugerir outra tradução num segmento diferente, mesmo que o contexto seja o mesmo. Tudo isto exige uma atenção redobrada por parte do tradutor ao fazer a pós-edição.

O trabalho do tradutor evolui de forma constante, acompanhando as mudanças tecnológicas que moldam a indústria. Como mencionado anteriormente, a pós-edição, por exemplo, emergiu como um ramo dentro da tradução, atendendo à crescente procura de traduções mais rápidas e eficientes. No entanto, um aspeto fundamental que muitas vezes é esquecido ao discutir as vantagens tecnológicas no setor da tradução é o impacto financeiro destas mudanças, tanto para o cliente quanto para o tradutor.

Por um lado, como observa Kenny (2011:6), o uso de TA e a adoção da pós-edição são benéficos para o cliente. A pós-edição permite que as empresas obtenham traduções de boa qualidade por um preço mais baixo e num tempo mais reduzido. A TA, ao acelerar o processo de tradução, permite que os tradutores trabalhem em mais projetos em menos tempo. No entanto, a questão do impacto financeiro para o tradutor é mais complexa. A introdução da pós-edição, embora tenha criado oportunidades de trabalho, também trouxe desafios relacionados com a diminuição do preço da tradução. Quando a pós-edição se tornou uma

prática comum, muitas empresas começaram a reduzir o valor pago pela tradução. Em vez de pagar o valor habitual de uma tradução completa, os clientes começaram a pagar apenas pela pós-edição, um processo que, embora exigente, é mais barato do que a tradução do zero. Ou seja, embora seja impossível prever se a pós-edição de uma tradução técnica irá ser mais fácil do que a tradução deste mesmo texto, o preço mantém-se inferior em comparação com a tradução. Não há maneira de conseguir receber conforme a complexidade do texto em mãos o que acaba por prejudicar o tradutor já que, como afirma Kenny, “clients often do not pay the full word rate for reused translations” (Kenny, 2011:6). Além disto, os tradutores podem ver-se obrigados a trabalhar mais horas para compensar a redução de tarifas, o que, na prática, não resulta num aumento de lucro. Todos os desafios abordados neste subcapítulo levam a que a complexidade do trabalho aumente, o que não se traduz num aumento das tarifas.

Neste capítulo abordei dois tópicos presentes no dia a dia do tradutor técnico: as suas funcionalidades e os seus desafios. No próximo capítulo, irei apresentar alguns aspetos interessantes para a análise específica na tradução automóvel, uma área da tradução técnica.

4. Tradução Automóvel: dificuldades

A tradução automóvel implica uma responsabilidade superior visto que pode afetar a qualidade dos produtos e serviços fornecidos por uma empresa, o que põe em causa a segurança dos utilizadores (Aldawsari, 2023:65). Trata-se de uma das áreas mais complexas e com mais “saída” da tradução técnica. O tradutor lida com textos altamente especializados que exigem não só conhecimentos linguísticos, como nas restantes áreas da tradução, mas também uma compreensão profunda dos conceitos da indústria automóvel sem que haja perda de precisão. Os termos são traduzidos tendo em conta os aspetos técnicos e funcionais e, por isso, uma tradução mais literal pode induzir em erro o leitor (*Top 8 Challenges of Automotive Translation—and How Experts Solve Them, 2025*). A própria natureza dos documentos, frequentemente densos e com informações detalhadas, aumenta a dificuldade, pois cada termo, cada instrução ou cada detalhe técnico deve ser interpretado corretamente para que a tradução final seja confiável e funcional.

Ao longo do meu estágio, percebi que a prática consistente e a familiarização com documentos técnicos ajudam a desenvolver estratégias eficazes para enfrentar estas dificuldades, garantindo que cada tradução seja precisa e confiável. No capítulo seguinte, apresentarei exemplos concretos retirados do meu estágio para ilustrar algumas destas dificuldades, abordando questões de ambiguidade (4.1), slogans e expressões (4.2), textos de partida de difícil compreensão (4.3), *tags* (4.4), aspetos gramaticais (4.5) e, por fim, as soluções e estratégias (4.6) que utilizei para as superar.

4.1. Ambiguidade

A ambiguidade é um dos problemas mais recorrentes na tradução e, de modo muito particular, na tradução técnica. A natureza condensada dos textos e a elevada densidade terminológica favorecem leituras divergentes que o tradutor tem de resolver com rapidez. Embora William Empson (1949) tenha pensado no conceito de ambiguidade apenas no contexto literário, a tipologia que propõe é extremamente útil para descrever o que também sucede na tradução técnica. Ao longo da sua obra, o autor menciona sete tipos de ambiguidade, dos quais dois se aplicam à minha experiência durante o estágio.

O primeiro tipo de ambiguidade corresponde aos casos em que um mesmo termo aceita várias traduções que não apresentam sinonímia entre elas (Empson, 1949: 1-2).

Dependendo do que consta na base de dados terminológica de cada cliente ou mesmo nos guias de estilo que fornecem, pode haver informações adicionais e específicas sobre que termo equivalente usar em determinada situação. O mesmo termo pode surgir de forma diferente em projetos de clientes diferentes, como é o caso de “truck” que pode ter como equivalente o termo “camião” ou “máquina”, conforme a Tabela 1. A ambiguidade, porém, não se limita à heterogeneidade entre clientes: por vezes, um mesmo cliente mantém duas entradas válidas para um termo, o que torna a decisão mais difícil. Foi o que sucedeu com “blade”, a base terminológica do cliente 1 associava “lâmina” a contextos de silvicultura (por exemplo, no caso de se tratar de um corta-relvas ou motosserra), e “disco” em relação a materiais de construção. O projeto em questão era sobre um desbastador florestal e, baseado nas duas distinções que referi, seria utilizado como equivalente o termo “lâmina”. Porém, há sempre a questão da ambiguidade, e, no final, verificou-se que se tratava de um “disco” e não de uma “lâmina”, indo contra as indicações. Os termos “handle” e “setpoint” constituem exemplos de termos ambíguos semelhantes. Em três clientes diferentes, cada termo apresentava mais de um equivalente preferencial, sem qualquer critério adicional que orientasse a escolha. Sempre que surgia um novo projeto contendo um destes termos, quase que era necessário recorrer à “sorte” para encontrar a solução adequada. Na prática, ambos os equivalentes são eficazes em diferentes contextos, sem comprometer o sentido original. No entanto, este tipo de ambiguidade consumia considerável tempo para ser resolvida, mesmo ao aplicar as estratégias apresentadas no subcapítulo 4.6. Outro exemplo de ambiguidade, frequente em textos da área automóvel, é o termo em inglês “roof”. No mesmo cliente (cliente 1), existiam duas entradas com equivalentes distintos, “teto de abrir” e “tejadilho”. Apesar de haver uma breve descrição sobre quando utilizar cada opção, a escolha correta exigia uma pesquisa mais aprofundada. Além deste caso, o termo “setpoint” também se destaca. Embora ambos os equivalentes sejam válidos em diferentes contextos, a sua utilização dificultava a seleção do equivalente mais adequado, como ilustra a Tabela 1.

Tabela 1 – Exemplos de ambiguidade tipo 1

Multiterm	Cliente 1	Cliente 2	Cliente 3
Blade	Lâmina ou Disco	Lâmina	Fresa
Truck	Camião	Máquina	-----
Handle	Pega	Guiador	Punho
Setpoint	Ponto de definição	Valor de referência	Ponto de regulamentação
Roof	Teto de abrir ou tejadilho	Telhado	Tejadilho

O segundo tipo de ambiguidade ocorre quando existem dois significados diferentes inerentes a uma só palavra ou conjunto de palavras (conforme ilustrado na Tabela 2). Utilizando como demonstração o exemplo 1, o termo “central compressor control” é ambíguo, pois não fica claro se o que é “central” é o controlo ou o compressor. Ambas as interpretações são plausíveis dentro do contexto, o que dificulta a tradução e retarda a resolução. No exemplo 2, o facto de o sintagma “override lock cover” não incluir quaisquer preposições ou artigos, deixa em aberto se se trata de um nome, “de anulação”, ou do imperativo “anule”, no sentido de “cancelar”. No terceiro exemplo, o termo “flush”, combinado com “LS steering unit”, apresenta dois equivalentes possíveis, ambos aceitáveis. A dificuldade aqui não é apenas uma questão de preferência, mas sim de significados opostos. Tanto “Limpe” como “Alinhe” funcionam na perfeição neste contexto, demonstrando assim um grande exemplo de ambiguidade. A frase do exemplo 4 apresenta uma ambiguidade estrutural motivada pela utilização da vírgula. Esta sugere que o distribuidor se situa na extremidade direita, mas permanece ambíguo se o autor, em vez de referir qual distribuidor, refere qual a extremidade do distribuidor. As duas interpretações são possíveis e, tal como nos exemplos que mencionei da Tabela 1 e dos restantes da Tabela 2, existem estratégias específicas que ajudam a obter a melhor solução para cada um dos casos e, assim, combater os desafios impostos pela ambiguidade (subcapítulo 4.6).

Tabela 2 – Exemplos de ambiguidade tipo 2

Exemplos de ambiguidade	EN-GB	PT-PT
1	For small to medium-sized businesses, central compressor control delivers significant energy savings, smoother operations, and reduced maintenance costs	Para pequenas e médias empresas, o controlo central de compressores proporciona uma poupança de energia significativa, operações mais constantes e custos de manutenção reduzidos.
2	Override lock cover	Proteção do bloqueio de anulação
3	Flush the LS steering unit	Limpe a unidade de direcção LS
4	Take oil from the right, end spool valve and set it to approximately 5%.	Retire o óleo da extremidade do lado direito do distribuidor e defina-o para aproximadamente 5%.

4.2. Slogans

Ao contrário dos textos técnico-instrucionais, cujo principal objetivo é instruir com precisão, a linguagem dos slogans procura provocar uma reação no leitor (Malmkjaer, 2011:4). Enquanto os manuais, as especificações técnicas ou os artigos científicos exigem rigor terminológico e clareza expositiva, os *slogans* são construções linguísticas curtas, frequentemente ambíguas, carregadas de ressonâncias culturais e estilísticas. O seu impacto depende não apenas do conteúdo semântico, mas também da sonoridade, do ritmo, dos trocadilhos e das conotações. Assim, a avaliação de uma “boa tradução” deixa de basear-se apenas na equivalência terminológica ou sintática e passa a privilegiar a equivalência de efeito. Transferir este potencial para outra língua implica mais do que uma equivalência literal, exige criatividade, sensibilidade cultural e, muitas vezes, uma reformulação completa. Além disto, no setor automóvel e tecnológico, não importa apenas “dizer o mesmo” noutra língua, mas também “fazer o mesmo”. Os *slogans* que, por vezes, utilizam trocadilhos necessitam de técnicas específicas para podermos traduzi-los, nomeadamente a tradução por ilustração (subcapítulo 4.6). O objetivo não é eliminar a cultura de origem, mas adaptar a expressão de modo que cumpra a função comunicativa no público de chegada. No discurso publicitário, onde a “voz” da marca e as convenções do mercado de chegada são determinantes, esta adaptação torna-se ainda mais importante e é o que leva os tradutores a recorrerem frequentemente à transcrição, de modo a preservar a intenção, o tom, o estilo e o efeito, respeitando as limitações de brevidade e sonoridade características do slogan.

Quando se pensa em tradução técnica, os *slogans* não vêm à cabeça. Estes estão diretamente associados ao marketing e, por isso, afastam-se do trabalho de um tradutor da indústria automóvel. No entanto, com o avanço da tecnologia e, por sua vez, das redes sociais e da proximidade ao consumidor, os tradutores da indústria automóvel acabam por ter de traduzir *websites* e *emails*, que podem conter uma linguagem menos técnica e mais apelativa. Durante o meu estágio, confirmei esta realidade na prática. Foram várias as ocasiões em que necessitei de colocar as regras estritas e a tecnicidade de lado e recorrer ao meu lado mais criativo para produzir traduções eficazes.

Reuni alguns exemplos que achei interessantes para o relatório na Tabela 3. O primeiro exemplo é uma exceção, não se trata de um *slogan*, mas sim de uma expressão “feita” que se utiliza regularmente ao falar inglês. No entanto, decidi incluí-lo para ilustrar que não necessita

de ser exatamente um slogan para ser necessário adaptar o tom, o registo e o efeito. A expressão “show, don’t tell” é utilizada na escrita literária como conselho entre escritores ou como forma de explicar a própria escrita. Em ambos os casos é uma expressão direta e coloquial, como “mostra, não contes” ou “mostro, não conto”. Contudo, dado que o contexto de chegada requeria um registo mais formal, optei por adaptá-la para “mostrar, em vez de contar”.

No segundo exemplo, foi necessário recorrer a uma técnica de expansão na qual, para atender às expectativas do público de chegada, não se traduziu apenas a frase, mas também se acrescentou uma explicação. A tradução literal de “use electric to build electric” seria, em português, “utiliza elétrico para construir elétrico”. Embora em inglês seja perceptível e faça sentido não acrescentar mais informação, o mesmo não acontece em português. A frase necessita de ser adaptada à realidade portuguesa, já que não produz o mesmo efeito. Sem adaptação, geraria estranheza e incompreensão, ficando no ar a questão “o que é elétrico?”. Após analisar a questão e realizar a pesquisa necessária (subcapítulo 4.6), compreendi que se tratava de máquinas e que a intenção era transmitir a ideia de “realizar projetos de construção elétrica”.

O terceiro exemplo, embora curto, também apresentou desafios. Trata-se de um slogan que utiliza o verbo inglês “to think”, normalmente traduzido como “pensar” em português. No entanto, a tradução literal “pensar elétrico” não soa natural e poderia dar a ideia de que o pensamento ou o cérebro é elétrico, em vez da máquina ou do veículo. Para manter o sentido e a naturalidade, optei por utilizar um verbo diferente do original, mas adequado ao contexto de chegada. A repetição do verbo era importante manter, já que é a essência do slogan original e que tem como objetivo associar os veículos elétricos a esta marca. Após alguma reflexão decidi utilizar o verbo “escolher”, uma vez que o cliente, ao visitar um *stand* automóvel, na intenção de comprar um veículo, deve “escolher” o elétrico. Desta forma, consegui adaptar o verbo mantendo a intenção do slogan e aproximando a marca do consumidor.

Por fim, o quarto exemplo é um slogan que recorre a um trocadilho, combinando literalidade com linguagem coloquial. O tema do texto de partida era caldeiras de vapor e, por isso, o termo “heat” está diretamente associado com o aumento da temperatura. O problema é que “heat things up” é algo usado diariamente e que em português pode ser traduzido como

“agitar as coisas”. Ao contrário dos exemplos anteriores, optei por minimizar os riscos de leitura. Decidi não preservar o duplo sentido do original e utilizar algo que fosse direto ao assunto, sem perder a proximidade com o cliente que o original transmite. Assim, traduzi a expressão por “Vamos falar de aquecimento?”, conforme apresentado na Tabela 3. A utilização de uma pergunta aproxima o leitor e direciona-o imediatamente para o tema, tornando a leitura mais intuitiva, especialmente num artigo para um *website*.

Tabela 3 – Exemplos de slogans

Exemplos de slogans	EN-GB	PT-PT
1	Shifting perceptions around the use of electric construction equipment can sometimes be a case of ‘show don’t tell’ .	Mudar perceções sobre a utilização de equipamento de construção elétrico pode, por vezes, ser um caso de "mostrar, em vez de contar" .
2	With the theme ‘use electric to build electric’ at its heart, the project aimed to establish the feasibility of zero exhaust emission construction sites as well as their potential for broader adoption.	Com o tema "utilizar máquinas elétricas para realizar projetos de construção elétrica" , o projeto tinha como objetivo estabelecer a viabilidade de existirem espaços de construção com zero emissões de escape, bem como o potencial para uma adoção mais alargada.
3	THINK ELECTRIC. THINK [brand name].	ESCOLHA ELÉTRICO. ESCOLHA [nome da marca].
4	Let’s heat things up!	Vamos falar de aquecimento?

A tradução de slogans insere-se, portanto, numa constante tensão entre fidelidade e funcionalidade. Cada decisão no processo de tradução é marcada por fatores culturais, contextuais e institucionais que moldam a solução final. Nos exemplos analisados, verificou-se que a formalidade, a necessidade de clarificação, a busca de naturalidade idiomática e a adequação ao registo foram os critérios que orientaram as escolhas. Frequentemente questionei-me se este tipo de conteúdo deveria ser traduzido por tradutores técnicos ou por profissionais de marketing. Cheguei à conclusão de que não é porque existe um trocadilho ou uma rima no título do documento, ou mesmo a meio do mesmo, que o texto deixa de ser de carácter técnico. É necessário entender o contexto e reconhecer que a densidade terminológica dificultaria a tradução a quem não estivesse familiarizado com o vocabulário específico da indústria automóvel.

4.3. Texto de Partida de difícil compreensão

A dificuldade em compreender o texto de partida constitui, por si só, um fator crítico da qualidade da tradução. Existem diversos elementos recorrentes que explicam por que determinados enunciados, à primeira vista “corretos”, resistem à interpretação e exigem do tradutor um trabalho prévio de reconstrução. Em primeiro lugar, deparo-me com textos redigidos por falantes não nativos, onde a interferência linguística produz escolhas lexicais pouco idiomáticas, regências atípicas e encadeamentos sintáticos que, embora gramaticalmente aceitáveis, enfraquecem a relação entre termos e funções. Nestes casos, como sublinha Newmark (1995:6), a dificuldade não se limita a compreender o texto; é também responsabilidade do tradutor melhorá-lo. Em segundo lugar, a tradução indireta. Ou seja, quando um documento foi originalmente escrito numa língua, passou por outra e chega ao tradutor numa terceira (Pięta, 2021: 2). Isto introduz perdas de informação pragmática, decisões terminológicas questionáveis e metáforas que já não remetem com nitidez para o referente técnico (Pięta, 2021: 10). Esta situação piora quando a língua *pivot* surge a partir de tradução automática, algo que acontece por questões monetárias ou de rapidez. Em terceiro lugar, muitos textos são redigidos por técnicos e não são revistos por linguistas. A escrita de oficina é telegráfica, tolera cadeias nominais extensas, omite preposições e marcas de dependência, e supõe um conhecimento tácito do produto que o tradutor nem sempre possui. Sem revisão linguística, estas características tornam-se obstáculos significativos à inteligibilidade. Um quarto fator refere-se à própria terminologia. Quando estabilizada e documentada, acelera o processo, mas quando é heterogénea entre mercados ou variável dentro do mesmo cliente, transforma-se numa fonte persistente de ambiguidade. Além disto, a forma como os ficheiros chegam ao tradutor pode dificultar ainda mais o processo. Os ficheiros são frequentemente enviados através do *Trados Studio* sem a possibilidade de recorrer ao texto de partida. Além das *tags* (subcapítulo 4.4) que interrompem o fluxo e eliminam pistas visuais importantes (como títulos, enumerações, legendas) que no texto final sinalizariam o tipo textual e tornariam mais evidentes as relações sintáticas. Até a própria segmentação muitas vezes retira contexto e quebra a fluidez. O tradutor passa a lidar com segmentos isolados e, quando não tem acesso a que tipo de segmento se trata, amplia a incerteza e torna mais lenta e arriscada a decisão, tal como afirma Byrne:

The text sent to the translator may be pre-translated or tagged using a translation memory (TM) tool and the visual clues indicating text type may be missing making the linguistic clues more difficult to spot (Byrne, 2006:33).

Tendo identificado as principais causas que dificultam a compreensão de um texto, passo agora a analisar exemplos que demonstram de que forma estas dificuldades se manifestam na prática. O primeiro exemplo, que apresento na Tabela 4, corresponde a uma cadeia nominal densa, típica do inglês técnico. Numa superfície reduzida, concentram-se a peça física (pipe), o parâmetro de funcionamento (high pressure), a família funcional (hydraulic pump) e, muito provavelmente, a designação de um sistema comercial (Dynamic Response). A complexidade interpretativa não resulta do léxico isolado, mas sim do mapeamento correto das relações de modificação, o que qualifica o quê e em que hierarquia. Enquanto o inglês tolera a ausência de preposições, possibilitando leituras concorrentes, o português exige explicitação e reordenação. A estratégia adotada consistiu em segmentar mentalmente a cadeia, identificar a cabeça (pipe), classificar os modificadores por natureza (parâmetro, função, sistema) e reconstruir, em português, a hierarquia sem sacrificar a precisão. Daí a solução “Instale o tubo rígido de alta pressão da bomba hidráulica do sistema Dynamic Response.” Assim, consegui preservar o nome próprio do sistema sem o traduzir (subcapítulo 4.6), distinguir “tubo rígido” de “mangueira”, oposição terminológica relevante, e reconfigurar a ordem de modificadores de modo a tornar explícitas as relações que, em inglês, eram apenas implícitas.

Tabela 4 – Exemplos de textos de partida de difícil compreensão

Exemplos de textos de partida de difícil compreensão	EN-GB	PT-PT
1	Install the dynamic response hydraulic pump high pressure pipe.	Instale o tubo rígido de alta pressão da bomba hidráulica do sistema de resposta dinâmica "Dynamic Response".
2	The Sysmac Studio 3D Simulation IDE is tailored to meet the evolving demands of modern production. It enables:	O Sysmac Studio 3D Simulation IDE foi adaptado para satisfazer as exigências elevadas da produção moderna e permite:

3	To find out what wires are exactly in an OSW module, this is documented chassis specific in RMI.	Para saber com precisão que cabos estão num módulo OSW, consulte a documentação específica do chassis no RMI.
4	1.2	1.2

A dificuldade ao traduzir o segmento do exemplo 2 consistia na tradução de “Sysmac Studio 3D Simulation IDE”. Embora seja possível ver, na Tabela 4, que a solução foi manter os termos em inglês, na verdade, esta solução surgiu da correção enviada num *compare*. Inicialmente, optei por traduzi-la, seguindo de forma estrita o guia de estilo do cliente, que determinava que nada deveria permanecer em inglês. No entanto, esta decisão revelou-se incorreta, já que se tratava de um nome de produto, precisamente um dos casos em que a tradução deve ser evitada. O problema em traduzir este conjunto de cinco palavras era entender onde começava cada conjunto de termos. Dada a falta de proposições, foi difícil entender se era “Simlutation IDE” do “Symac Studio 3D” ou a “3D Simulation IDE” do “Sysmac Studio” ou ainda o “Sysmac Studio 3D” da “Simulation IDLE” (apesar desta leitura parecer menos provável do ponto de vista da lógica do inglês, este tipo de inversões ocorre frequentemente em textos técnicos, tornando a interpretação ainda mais desafiante.).

O terceiro exemplo evidencia problemas de redação que fragilizam a inteligibilidade do texto. Como referido no início do capítulo, este tipo de ocorrência pode dever-se ao facto de o autor não ser falante nativo de inglês ou resultar de uma tradução indireta, eventualmente mediada por tradução automática. A frase inicia com o infinitivo, “To find out”, e, subitamente, muda para uma construção passiva, “this is documented”. Para além disto, contém uma estrutura pouco natural, “chassis specific”. Perante esta situação, a decisão é se se estabiliza o segmento como uma instrução dirigida ao utilizador (“para saber... consulte...”) ou como uma informação de carácter descritivo (“encontra-se documentado...”). Ao optar por “Para saber com precisão que cabos estão num módulo OSW, consulte a documentação específica do chassis no RMI.”, normaliza-se a construção para o registo instrucional esperado em manuais e recupera-se a naturalidade ao trocar o verbo “documented” pelo nome “documentação”.

O quarto caso não corresponde a um erro, mas a uma situação recorrente: segmentos isolados que contêm apenas um número. Muitas vezes, estes números surgem entre frases sem que seja possível identificar imediatamente a sua função. A situação descomplica-se

quando se trata de um número inteiro. Se no texto de partida surgirem os números “1, 2, 3”, entre outros, não há motivo de preocupação. O problema coloca-se quando surge um número com separador decimal. Mas, será que é número decimal? Em português, o uso da vírgula ou de um ponto final entre dois números modifica o significado do próprio número, algo que não acontece em inglês. Se o texto de partida fosse em português e tivesse “1.1” ou “1,1”, a tradução em inglês seria sempre “1.1”. No entanto, como o contrário não se verifica, chega a ser impossível entender se é necessário utilizar vírgula (para medidas) ou ponto final (para enumerações, por exemplo, de subcapítulos). Durante o estágio, aprendi a recorrer a uma funcionalidade do *Trados* que permite filtrar apenas segmentos com números, o que ajuda a identificar padrões sequenciais, mesmo quando os números se encontram distantes. Por exemplo, se no segmento 4 consta “3.1”, no segmento 20 “3.2” e no 40 “3.3”, mesmo que existam outros valores entre eles, isto sugere tratar-se de uma enumeração, devendo, por conseguinte, manter-se o ponto final na tradução. Esta é apenas uma das estratégias possíveis, entre outras que desenvolvo no subcapítulo 4.6.

Quando a autoria não nativa origina construções pouco naturais, a reconfiguração sintática em português deixa de ser uma questão de estilo e torna-se uma exigência de inteligibilidade. Nos exemplos analisados, o desafio não reside apenas em “decifrar” o enunciado de partida, mas em estabilizar o seu sentido de forma clara, funcional e idiomáticamente aceite em português. Assim, a competência do tradutor não se limita à procura de equivalência lexical, exige uma leitura estrutural atenta, capaz de detetar falhas e corrigi-las. Só desta forma é possível transformar textos de partida de difícil compreensão em traduções fiáveis, mesmo quando fatores como a autoria, o processo de transmissão ou as próprias ferramentas utilizadas dificultam a transparência do discurso.

4.4. Tags e Placeholders

As *tags* e os *placeholders* tornaram-se elementos diários no trabalho do tradutor, já que atualmente as *CAT-tools* e as suas funcionalidades são indispensáveis. No entanto, aquilo que assegura a automatização e normalização do processo é também uma fonte recorrente de dificuldade. Ao contrário da pontuação ou da formatação visível, que o tradutor interpreta de imediato, as *tags* são marcadores invisíveis do documento final que chegam ao ecrã sob a forma de códigos compactos (<tag:italic>, <tag:title>, entre muitos outros). Funcionam como instruções de formatação, para que o tradutor não se preocupe com questões como o negrito,

a cor, o tipo de letra, etc. Já os *placeholders* correspondem a elementos que não podem ser alterados, como imagens, gráficos ou até fragmentos de texto pré-definidos. O problema central não é meramente técnico, é também linguístico e editorial. A posição de um *placeholder* pode modificar a leitura sintática da frase ou comprometer a concordância de género e número. Da mesma forma, a interpretação de determinadas *tags* pode influenciar a identificação do tipo textual ou a escolha do modo verbal mais adequado em português. Como o tradutor raramente dispõe do contexto visual completo no momento da decisão, estas incertezas tornam-se ainda mais relevantes. Por esta razão, selecionei cinco exemplos de projetos realizados durante o estágio para analisar, na prática, as dificuldades que podem decorrer da presença de *tags*.

No primeiro exemplo da Tabela 5, o *placeholder* corresponde à inserção de um atributo desconhecido, cuja posição em inglês nem sempre coincide com a ordem natural do constituinte equivalente em português. Deslocá-lo inadvertidamente pode quebrar a ligação com o sistema de publicação do cliente, que espera o *placeholder* exatamente onde o layout o irá materializar. No entanto, não havia informação suficiente sobre a sua natureza. Em situações como esta, em que não se tem a certeza se se trata do nome do modelo, de uma imagem ou de outro elemento visual, como se deve proceder? Caso o tradutor não tenha acesso ao propósito do *placeholder* naquele exato segmento, não existe outra maneira além de contactar o cliente e esclarecer a dúvida. Embora se perca tempo, é uma maneira de assegurar que se fez a escolha certa. Foi este o procedimento que adotei e, posteriormente, confirmei que se tratava efetivamente do nome do modelo, o qual, de acordo com a gramática do português, deve ser colocado a seguir ao nome.

No segundo exemplo, ao contrário dos restantes, não apresentei nenhum segmento de partida com a respetiva tradução. Optei, antes, por destacar um problema específico que surge quando as *tags* impõem instruções que contrariam os guias de estilo (capítulo 2.1) fornecidas pelo cliente. O cliente pede expressamente que não se utilize maiúsculas para termos no meio da frase, no entanto, informa que se uma *tag* for caracterizada como “título” deve começar por uma maiúscula. Mas o que acontece quando o “título” surge precisamente a meio de uma frase? À primeira vista, esta hipótese pode parecer improvável, afinal, porque haveria de estar um título no meio da frase? A realidade é que estava nesta situação e cabe ao tradutor decidir qual é a regra que prevalece. Ao longo do estágio, percebi que esta é, de

facto, uma situação recorrente, sobretudo em menções a títulos, secções ou procedimentos, os quais devem começar com maiúscula e estar no infinitivo. Hoje reconheço que já não teria dificuldade em resolver este tipo de contradições, mas trata-se de um desafio que inicialmente exigiu algum esforço de adaptação.

No seguimento do problema dos títulos, acrescentei também um terceiro exemplo, que retrata outro tipo de dificuldade. À primeira vista, a tag `<tag:italic>` seria apenas um marcador de estilo. No entanto, a prática ensinou-me que, pelo menos no ramo automóvel, o itálico pode assinalar títulos de procedimentos manuais ou até mesmo artigos, nomes de peças, ou nomenclaturas. Esta ambiguidade funcional tem consequências gramaticais. Se o trecho em itálico for, de facto, um título, o português pede invariavelmente o infinitivo (“Substituir”) e não o imperativo (“Substitua”). Pelo contrário, se for uma instrução, então o espectável é a utilização do imperativo. Neste caso, no texto de partida, a tag não começa com uma letra maiúscula, por norma, isto significa que não é título. A presença da tag obriga a decidir e, mesmo tendo isto em conta, trata-se ainda assim de um título e, por isso, deve iniciar-se com letra maiúscula e utilizar-se o infinitivo.

Tabela 5 – Exemplos de dificuldades com tags

Exemplos de dificuldades com tags e placeholders	EN-GB	PT-PT
1	<code><x><x><x></code> model without front linkage	Modelo <code><x><x><x></code> sem ligação dianteira
2	Instruções: não se deve usar maiúsculas para termos no meio da frase <code><tag:title></code>	Mesmo que seja no meio da frase, por ser um título, tem de começar com letra maiúscula.
3	Replace the auxiliary heater ECU (P019) <code><tag:italic></code> replace electronic control unit, water auxiliary heater. <code><tag:italic></code>	Substitua a ECU do aquecedor auxiliar (P019) <code><tag:italic></code> Substituir a unidade de controlo eletrónico, aquecedor auxiliar de água. <code><tag:italic></code>

A Figura 7 apresenta uma captura de ecrã de um texto de partida que utiliza a mesma tag repetitivamente ao longo do segmento. À superfície podem parecer erros, mas será que o tradutor tem a responsabilidade de omitir texto? A verdade é que ao ler o segmento é impossível ignorar as repetições e a tendência seria eliminá-las. No entanto, ao longo do

tradutor identificar o que é título e o que é instrução, o que é nome próprio e o que é terminologia traduzível, assim como diferenciar conteúdo fixo de conteúdo variável.

4.5. Aspetos Gramaticais

Os aspetos gramaticais são, muitas vezes, o calcanhar de Aquiles da tradução técnica. Isto porque a decisão gramatical certa depende do tipo textual, da política editorial do cliente, de restrições materiais do layout e, por vezes, de condições técnicas invisíveis ao tradutor no momento da redação. Entre os diversos fatores que podem influenciar este processo, destaco alguns que considero mais relevantes, ilustrando-os com exemplos práticos.

A fronteira entre nome e verbo é um bom ponto de partida. Títulos, por exemplo, pedem, em regra, o infinitivo (“montar”) ao passo que instruções operativas recorrem ao imperativo (“monte”), havendo ainda a possibilidade de admitir o nome “montagem”. Isto tudo derivado de apenas uma palavra em inglês (“mount”). Qual a escolha certa? A situação complica-se ainda mais quando são segmentos isolados que não têm qualquer tipo de informação em *tags*, guias de estilo ou nas informações da estrutura do documento.

Algo que talvez passe despercebido, mas que causa erros reiterados, é o espaço inquebrável, o *non-breaking space* (NBSP). Em tradução técnica, o NBSP é obrigatório entre os valores e as unidades de medida, por exemplo “35 mm” ou “1,5 V”. O objetivo deste espaço inquebrável é, caso a linha acabe e não haja mais espaço para escrever a unidade de medida na mesma linha que o número, em vez de ficarem em linhas diferentes ficam juntos na linha de baixo. Pode parecer um detalhe insignificante, mas como na tradução técnica cada detalhe ignorado pode comprometer a segurança e o trabalho de quem lê, não deve ser ignorado. Infelizmente, no *Trados Studio* não permitia verificar se tinha colocado o espaço inquebrável em todos os sítios que eram necessários. Por conta disto, acabei por receber alguns *compares* que destacavam a falta de atenção para com este erro. Passei então a copiar e a colar os números das minhas traduções no *Microsoft Word* para conseguir verificar visualmente se todos tinham o espaço inquebrável (que no *Word* aparece com uma bolinha se ativarmos a função “Show all”).

Tendo em atenção a percepção que os têm leitores da nossa palavra, é importante que a linguagem do tradutor seja clara e não levante dúvidas nem mal-entendidos. Dito isto, há uma “regra” que aprendi com as colegas experientes da RWS, que consiste em evitar o verbo

“oferecer”. Ainda que se utilize em inglês o verbo “to offer” para descrever, por exemplo, as funcionalidades de uma placa de indução, é necessário perceber que no fundo a placa de indução não “oferece” nada nem uma marca está literalmente a “oferecer” funcionalidades. Para evitar más interpretações, a solução passa por recorrer a alternativas como os verbos “disponibilizar”, “proporcionar”, “fornecer”, entre outros. Outro aspeto interessante é os pronomes e determinantes possessivos. A língua inglesa permite, com tranquilidade, utilizar “you” ou “your” em documentação técnica. Em português tende-se a evitar construções que impliquem o tratamento direto por “tu”, evitar utilizar “teu” ou mesmo o “você”. É necessária uma flexibilidade de escrita para conseguir contornar este problema. Além disto, o “seu/sua” apenas deve ser utilizado quando se menciona algo de alguém. Se no texto de partida estiver escrito “With solar panels fitted to their trucks” o “their” não deve ser reproduzido em português, conforme o demonstrado da Figura 9. Este “their” refere-se aos painéis solares, mas o que é dos painéis solares? Os veículos. Mas, como um objeto inanimado não pode ter posse de algo, é tecnicamente errado dizer os “painéis solares instalados nos seus veículos”. Ao utilizar-se “seus” pode dar a entender que o dono do veículo é o painel solar. Embora se consiga perceber o sentido da frase mesmo com o “seus”, é importante retirá-lo, já que todos os detalhes são importantes em tradução técnica.

Figura 9 – Exemplo de um compare sobre determinantes pessoais e o verbo "oferecer"

Com painéis solares instalados nos seus camiões, os seus clientes podem ter o motor a funcionar ao ralenti sem gastar gasóleo nem emitir CO2.	Com painéis solares instalados nos seus camiões, os seus clientes podem ter o motor a funcionar ao ralenti sem gastar gasóleo nem emitir CO2.	Evitamos o uso de pronomes pessoais se possível.
O programa de peças de substituição genuínas DAF oferece peças de camião remanufaturadas de alta qualidade, com uma garantia total e a preços competitivos!	O programa de peças de substituição genuínas DAF oferece <u>disponibiliza</u> peças de camião remanufaturadas de alta qualidade, com uma garantia total e a preços competitivos!	

Outra dificuldade recorrente durante o estágio foi a oscilação entre o antigo e o novo acordo ortográfico. Mais do que a questão de nunca ter escrito segundo o antigo acordo e, portanto, não estar familiarizada com a sua aplicação, a verdadeira complexidade residia na alternância constante entre projetos. Num mesmo dia, podia traduzir para um cliente que seguia o novo acordo e, de seguida, para outro que exigia o antigo. O tradutor pode alternar, no mesmo dia, entre “acção/ação”, “eléctrico/elétrico”, “óptico/ótico”. A dificuldade não é meramente mecânica, envolve memória, atenção seletiva e, sobretudo, coerência

interdocumental. É exigente garantir que não se cometem deslizes quando, de um dia para o outro, se tem de aplicar regras diferentes. Para aliviar esta dificuldade, a boa prática é isolar perfis por cliente e, quando possível, por produto, e ativar dicionários e ferramentas de verificação ortográfica coerentes com cada perfil. A preposição “de” combinada com artigos contraídos (“do/da”) antes de siglas e acrónimos pode parecer apenas um pequeno detalhe, mas afeta a fluência e a concordância. A escolha entre “da” e “do” pode variar para a mesma sigla, conforme o cliente. Seja qual for a decisão, deve ser coerente ao longo do projeto e entre projetos do mesmo cliente, tal como a escolha do acordo ortográfico.

Tal como sucede com as preposições ou com o acordo ortográfico, existem outros parâmetros que variam significativamente entre clientes e que constituem uma dificuldade acrescida. Traduzir para diferentes contas implica, muitas vezes, mudar não apenas a terminologia, mas também a própria estratégia de escrita e o enquadramento mental. Requer, por isso, concentração extrema e grande familiaridade tanto com a terminologia automóvel como com as normas particulares de cada projeto. Além de que, por vezes, ao longo do tempo acontecem alterações nos guias de estilo. Um primeiro exemplo é a gestão dos sistemas de medida. Há clientes que proíbem a conversão, outros que exigem a conversão para o sistema métrico e outros ainda que preferem apresentar as duas versões (imperiais e métricas). O mesmo se aplica à tradução de nomes de países: enquanto a maioria opta por traduzir “Germany” por “Alemanha”, alguns exigem que o nome permaneça inalterado. As siglas são outro exemplo. Mesmo quando o acrónimo ou a sigla é amplamente conhecida em português, a decisão sobre a sua forma final depende do facto de o cliente pretender que a tradução contenha a sigla por extenso mais a sigla entre parênteses, ou apenas por extenso ou apenas a sigla. Ainda há contas que preferem que na primeira vez que aparece seja dada a sigla por extenso e entre parênteses e que nas seguintes vezes se use apenas a sigla. Além disto, há contas que preferem usar a sigla ou acrónimo em inglês e outras em português. Estas escolhas derivam, por exemplo, de uma questão de *branding* ou mesmo de caracteres, tal como a escolha entre traduzir as instruções dos botões físicos de um veículo ou não. Embora o manual de instruções, de informação e de manutenção do veículo sejam traduzidos para a língua do país em que irá ser comercializado, por vezes, em situações muito específicas, os botões do visor não são traduzidos e, por isso, permanecem em inglês. Também a tipografia dos títulos de imprensa varia. Há contas que proíbem a utilização de determinantes, por exemplo,

preferindo “[Marca] apresenta leitor de códigos de barras VHV5-F de próxima geração”, em vez de “A [marca] apresenta o leitor de códigos de barras VHV5-F de próxima geração”. Os limites de caracteres são, por si sós, outra das limitações que surgem ao longo do trabalho do tradutor. Estas restrições, frequentes em UI (User Interface) *strings*, tabelas e legendas, ocorrem quase sempre por uma questão de espaço. Estas restrições obrigam o tradutor a reconfigurar construções fráscas, a selecionar formas abreviadas ou a aceitar soluções menos naturais para cumprir as margens impostas. No *Trados Studio*, é possível verificar se o segmento tem valor máximo ou não clicando na estrutura do documento (Figura 10). Na Tabela 6, reuni três exemplos de segmentos que tiveram de ser reduzidos, resultando numa “perda” das palavras. Por exemplo, a utilização de “Ref.^a” em vez de “referência”. Por último, ao longo do estágio, outro aspeto interessante entre as diferenças entre projetos de diferentes clientes foi a capitalização. Para umas contas era necessário iniciar com letras maiúsculas a seguir aos dois pontos e ao travessão, noutras apenas em um deles e noutras sempre com minúscula. Além disto, o botão de ligar e desligar, mais conhecido como on/off, também variava a capitalização, podendo ficar “ON/OFF”.

Figura 10 – Captura de ecrã da interface do Trados Studio: limite de caracteres

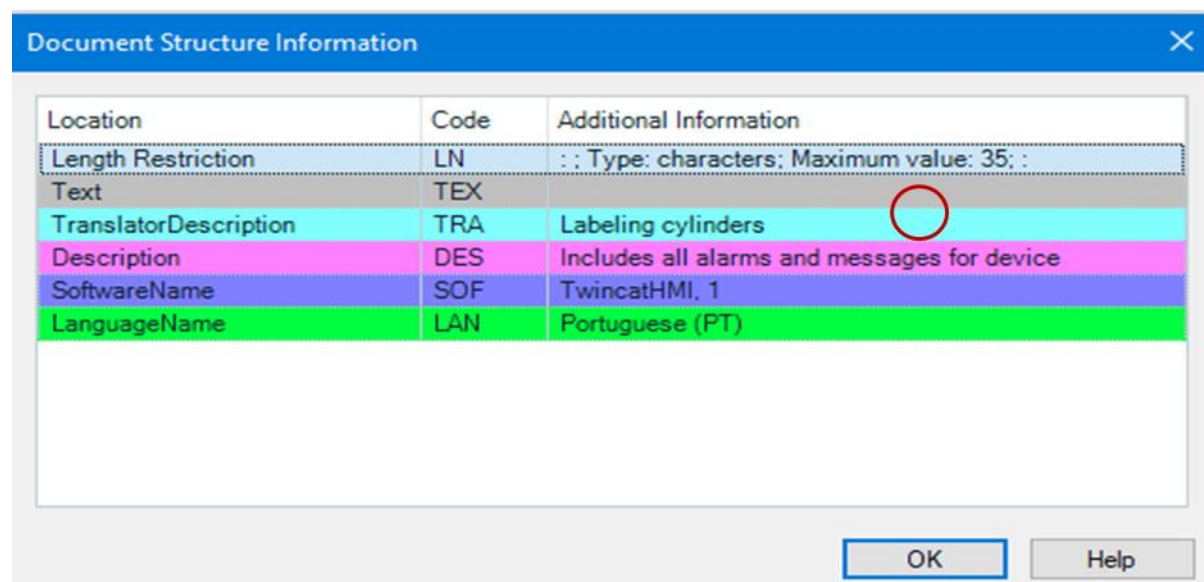


Tabela 6 – Exemplos de segmentos com limite de caracteres

EN-GB	PT-PT	N.º de caracteres
Sheet support down	Suporte de chapa infer.	23
Start tool measure	Medir a ferramenta	23
Material search reference	Ref. ^a de pesquisa do material	30

Para combater estas dificuldades existem ferramentas de QA (subcapítulo 1.3) que podem ser personalizadas para conseguir detetar erros específicos. Em síntese, a diversidade de guias de estilo não é um detalhe burocrático, mas uma variável que redefine cada projeto. O tradutor passa de operador linguístico a gestor, responsável por configurar o seu ambiente de trabalho para reduzir interferências, documentar escolhas e garantir que cada texto se alinha, com rigor, ao padrão aplicável naquela combinação específica de cliente, produto, suporte e público.

4.6. Soluções e Estratégias

Ao longo dos subcapítulos do capítulo 4, procurei reunir aspetos que considero particularmente relevantes para este relatório, na medida em que representaram dificuldades iniciais que, com o tempo, se transformaram em aprendizagens significativas. Concluído o estágio na RWS, posso afirmar com segurança que desenvolvi estratégias que me permitem, no futuro, enfrentar com maior autonomia e eficácia eventuais desafios de tradução. Entre os tópicos abordados incluem-se a terminologia, a ambiguidade, os slogans, os textos de partida de difícil compreensão, as *tags* e *placeholders*, bem como aspetos de natureza gramatical. As estratégias que vou enumerar são flexíveis e podem ser usadas em diferentes problemas.

No subcapítulo 4.1, comecei por refletir sobre questões de ambiguidade. A sua gestão exige um repertório diversificado de estratégias, entre as quais se destaca a generalização controlada, ou seja, recorrer a um hiperónimo quando o termo de partida admite múltiplas leituras e o contexto não permite desambiguar, preservando assim a função técnica do enunciado (Baker, 1992:34). Embora não seja a solução ideal, pode funcionar como recurso provisório até que seja disponibilizada informação adicional. Paralelamente, o uso da *concordance search* (pesquisa por termo ou expressões nas memórias de tradução presentes no projeto) pode servir de inspiração ou ainda dar a possibilidade de reutilizar trabalhos antigos ou solucionar um problema já que, no passado, alguém teve um dilema semelhante.

Quando a incerteza persiste, uma outra opção viável é reunir todas as dúvidas e enviar uma *query* ao cliente ou respetivo representante. *Queries* são pedidos formais, preenchidos numa tabela onde se fornece a devida contextualização, como o número do segmento e/ou página do documento, a cópia do excerto, nome do ficheiro, data, nome do projeto, idioma de chegada e a dúvida devidamente explicada, tal como demonstrado na Figura 11. Outro recurso útil é consultar, se existir, o *website* do cliente em causa. Assim, é possível ver se o termo que se quer utilizar já está em utilização ou em que contexto aparece. Além disto, por vezes, pode-se encontrar PDFs com a descrição dos produtos e ainda imagens que podem-nos ajudar a perceber, por exemplo, se a “blade” do desbastador é em forma de disco ou não, e assim usar como equivalente “disco” ou “lâmina”. Por fim, para evitar ambiguidades, existe uma norma que deve ser aplicada. O autor Byrne dá-lhe o nome de *modulation*. Esta estratégia serve para clarificar a intenção pragmática, nomeadamente ao converter uma frase negativa numa positiva (Byrne, 2012:122). Por exemplo, “never turn off the refrigeration unit” em português fica “manter a unidade de refrigeração sempre ligada”, assim o utilizador tem uma maior facilidade de compreensão já que a frase diz diretamente o que deve fazer e há menos margem para ambiguidades.

Figura 11 – Captura de ecrã de uma resposta a uma *query*



Project name	20250401_OCTOPUZ Translations April 2025
PJM	

Raised by (language)	Date	Job Name	File Name	Seg. #	Source Page #	Source text	Question	SDL suggested answer/translation	Answered by (please initial)	Answer
PT	2-Apr-25	20250401_OCTOPUZ Translations April 2025	TASK07143 1_EN-GB-PT_OZ_Translation April 2025 - FOR TRANSLATION_PREP_id [Translation]	16		Errors have been solved for the start and end points in the path; please review set values for twist, push/pull angle (flare) , and start/end offsets	Could you kindly clarify the meaning of a push/pull angle and a flare angle?			This refers to the angle at which a weld torch or robot tool is tilted forward or backward relative to the direction of travel. These terms have the same meaning, typically we use "push/pull angle" in a welding context, and "flare" in non-welding contexts.
PT	2-Apr-25	20250401_OCTOPUZ Translations April 2025	TASK07143 1_EN-GB-PT_OZ_Translation April 2025 - FOR TRANSLATION_PREP_id [Translation]	39		Moderate	Could you kindly clarify what does "moderate" refer to?			Referring to 'mid-range' or 'medium'. Specifically, this is used for setting with three options of precision Light - Moderate - High

No subcapítulo 4.2, dedicado à tradução de slogans, verificam-se estratégias em parte semelhantes às já abordadas, mas aplicadas num registo mais criativo e culturalmente sensível. O tradutor não deve optar pela solução mais “óbvia” ou literal, mas sim pela que melhor se adapta ao público-alvo e ao efeito estilístico pretendido. Newmark (1995:146) designa esta abordagem como *translating as interlanguage*, ilustrada, por exemplo, no slogan apresentado no exemplo 1 da Tabela 3, “Shifting perceptions around the use of electric construction equipment can sometimes be a case of ‘show don’t tell’”, que em português

européu foi traduzido como “Mudar percepções sobre a utilização de equipamento de construção eléctrico pode, por vezes, ser um caso de mostrar, em vez de contar”. Outro recurso frequente é a *translation by illustration* (Baker, 1992:52), utilizada quando o texto de chegada requer que o enunciado “mostre” o referente de forma explícita. Byrne (2012:124) aborda a mesma prática sob a designação de *expansion*, isto é, alargar a frase para acrescentar a informação necessária à compreensão do público-alvo. Assim, em vez de manter a formulação original “use electric to build electric”, a minha solução passou a ser “utilizar máquinas eléctricas para realizar projetos de construção eléctrica”, de modo a tornar o sentido inequívoco. Byrne (2012:121) acrescenta ainda a estratégia da *equivalence*, que consiste em recriar o mesmo impacto pragmático através de palavras diferentes, como no exemplo que apresenta com “Danger!” traduzido por “Risco de morte”. Na minha experiência, apliquei este procedimento em slogans como “Let’s heat things up!”, que adaptei para “Vamos falar de aquecimento?”, preservando o efeito apelativo e a função comunicativa da frase.

No subcapítulo seguinte, no 4.3, abordei as dificuldades presentes quando o texto de partida é de difícil compreensão. Em casos de cadeias nominais densas, como “Install the dynamic response hydraulic pump high pressure pipe”, a consulta do *website do cliente* volta a ser importante. Uma possível estratégia consiste em verificar versões já traduzidas para outros idiomas, como o espanhol, e analisar as soluções adotadas e previamente aprovadas. Caso isto não seja suficiente, pode-se sempre optar por recorrer novamente às *queries*. Na Tabela 4, o exemplo 3 “To find out what wires are exactly in an OSW module, this is documented chassis specific in RMI” traduzido para “Para saber com precisão que cabos estão num módulo OSW, consulte a documentação específica do chassis no RMI”, ilustra a técnica da *modulation* (Byrne, 2012:122). O autor explica que, para recuperar a naturalidade em português, por vezes é necessário mudar uma frase passiva para ativa ou um verbo para um nome. Já no exemplo 4, a única solução viável foi igualmente recorrer às *queries*. Relativamente às *tags* e *placeholders*, caso o problema não consiga ser resolvido recorrendo ao guia de estilo, então a única solução também é as *queries*. Outra dificuldade recorrente prende-se com siglas e acrónimos (subcapítulo 4.5), sobretudo na escolha entre “de”, “da” ou “do”, na decisão de expandir ou não a sigla, ou ainda entre traduzir ou mantê-la em inglês. A estratégia para estes casos, além de poder enviar *queries* ou consultar os guias de estilo, é a *unfamiliar acronyms* (Newmark, 1995:152). Ou seja, nestes casos é preciso muita pesquisa, é

preciso fazer pesquisas de contexto (utilizando “site:.pt” no motor de pesquisa, por exemplo), perceber qual é a opção que se utiliza mais no contexto de chegada, perceber se o cliente já utilizou a sigla ou acrónimo em questão noutras publicações, entre outros.

Assim, verifica-se que o tradutor dispõe de múltiplas estratégias ao lidar com textos técnicos, embora nem todas tenham sido exploradas aqui. Optei por destacar apenas as que se relacionam com os exemplos apresentados ao longo do capítulo 4. Entre elas, saliento as *queries*, a consulta do *website* do cliente, a *concordance search*, os PDFs com imagens e a técnica de *translation by illustration*. Estas foram, de facto, as que mais utilizei no decorrer do estágio. Contudo, é fundamental reconhecer que nenhuma destas estratégias garante sempre resultados. O trabalho do tradutor é, por natureza, imprevisível. O cliente pode não responder às *queries*, as imagens dos PDFs podem ser pouco relevantes, e a *concordance search* ou o *website* do cliente podem não fornecer a informação necessária. Num cenário ideal, o tradutor teria acesso ilimitado a dados e contexto, mas a prática demonstra que tal não acontece. Por fim, importa mencionar uma estratégia mais controversa, não tanto enquanto recurso, mas enquanto meio de tradução, que tem tido enormes repercussões nos últimos tempos, a utilização de ferramentas de inteligência artificial (IA), tema que será aprofundado no capítulo seguinte.

5. O futuro tem IA?

Durante décadas, a chegada de novas tecnologias à indústria da tradução foi recebida com medo e alarmismo. Quando as primeiras ferramentas de tradução assistida por computador (*CAT-tools*) se popularizaram, as previsões apontavam para o desaparecimento da profissão de tradutor. Mais tarde, quando, graças ao avanço da tecnologia e à evolução da tradução automática para *Neural Machine Translation* (subcapítulo 3.2), os resultados da TA começaram a ser considerados de boa qualidade, as opiniões voltaram a ser as mesmas. Hoje o filme repete-se. A tecnologia está mais avançada do que nunca e com ela evoluiu também a inteligência artificial (IA). O que a experiência demonstra é que sempre que há avanços tecnológicos as tarefas acabam por mudar, mas raramente a responsabilidade humana desaparece por completo.

Mais do que uma substituição, as *CAT-tools*, a TA e, agora, a IA têm funcionado como instrumentos de reorganização do trabalho, redistribuíram o trabalho humano sem o substituir por completo. Se olharmos para o presente, o impacto combinado das *CAT-tools* e da TA é rico em oportunidades. As *CAT-tools* permitem reaproveitar trabalhos anteriores armazenando-os em memórias de tradução e bases de dados terminológicas, o que, em domínios de elevada repetibilidade (o caso da indústria automóvel), conseguiu criar ciclos de entrega mais curtos e garantir uma maior coerência, o que seria difícil de alcançar por uma via exclusivamente humana. Desta união entre *CAT-tools* e TA resulta não apenas a possibilidade de traduzir mais em menos tempo, mas a criação de uma especialidade própria, a pós-edição (Subcapítulo 3.2). Longe de suprimir o tradutor, estas duas evoluções deslocaram o centro de gravidade da sua intervenção para fases onde a sensibilidade linguística, o conhecimento de domínio e a responsabilidade pelos efeitos pragmáticos do texto se tornam mais visíveis. Ou seja, aquilo que no início causou alguma incerteza aos tradutores hoje vive em harmonia com os mesmos.

É neste sentido que importa falar sobre inteligência artificial e como será o futuro da tradução técnica. “The story of AI in translation is not one of replacement but of transformation, adaptation, and collaboration” (Oni, 2025:17).” Samuel Oni refere, num recente artigo, que a IA não vem substituir o trabalho do tradutor, mas sim colaborar com ele. É neste quadro que importa situar algumas iniciativas recentes no mundo da tradução que

incentivam o uso de inteligência artificial. Quase a terminar o meu estágio, a RWS Portugal implementou um novo projeto que já estava em vigor noutros países, denominado projeto EVOLVE. Agora, em setembro de 2025, o EVOLVE já se encontra disponível no catálogo de serviços da empresa. O funcionamento do EVOLVE assenta na articulação com o *Machine Translation Quality Estimation* (MTQE), que classifica os segmentos de saída da NMT em três categorias: *Good*, *Adequate* e *Poor*. Apenas os segmentos avaliados como *Adequate* e *Poor* passam pelo processo EVOLVE, que tenta elevar a sua qualidade. Já os segmentos considerados *Good* são bloqueados e não seguem para o motor EVOLVE. Assim, espera-se aumentar significativamente a proporção de segmentos de qualidade elevada, reduzindo o esforço humano na pós-edição. Mas isto traz implicações. A experiência prática revela nuances que a teoria por detrás da tecnologia tende a “esconder”. Como o princípio operativo assenta numa triagem artificial da qualidade do *output* da TA, no contexto real, a “gaveta” dos *Good* pode conter enviesamentos de domínio, terminologia desalinhada com guias de estilo ou escolhas formais incompatíveis com o género textual. Se o segmento for considerado *Adequate*, a revisão do mesmo recai sobre uma única pessoa que fica com a responsabilidade integral pelo resultado, sem a habitual segunda opinião que a revisão clássica frequentemente assegura. Além disto, acresce também o risco económico. Se o motor subestimar o esforço necessário, o cliente tenderá a pagar por um serviço e receber outro ainda melhor. Ou seja, para já, nada consegue garantir que os segmentos que mal necessitam de revisão não estejam ainda piores e seja preciso um esforço maior por parte do tradutor do que aqueles considerados *Poor*. Por este motivo, durante o período de teste percebeu-se que há contas em que dificilmente o EVOLVE traria bons resultados. Até ao final do meu estágio curricular, a equipa *Automotive* utilizava EVOLVE apenas num cliente, quer por recusa de adesão de outras contas, quer por inadequação em áreas específicas, nomeadamente conteúdos densos terminologicamente e sem respostas em bases de dados terminológicas e em memórias de tradução. No entanto, seria injusto ignorar as vantagens tanto para o cliente como para o prestador de serviços. Como mencionei no início deste parágrafo, considera-se vantajoso pelo facto de este serviço não pressupor a dispensabilidade do tradutor e não tentar “roubar-lhe” o trabalho. Permite realizar e terminar mais projetos em menos tempo e reduz o preço que o cliente tem de pagar, aumentando assim a possibilidade de voltar a requisitar este serviço. Além da RWS, também outras empresas de tradução estão a investir em inteligência artificial.

Um exemplo disto é a empresa Transperfect que, no dia 22 de agosto de 2025, oficializou a compra da empresa portuguesa Unbabel, líder do mercado em IA linguística.

Responder à questão “O futuro tem IA?” implica reconhecer duas verdades. A primeira é que a IA não vai desaparecer. A adoção será desigual por domínio, por língua e por género textual, mas a direção estrutural é de maior integração, não de retração. A segunda é que a retórica de substituição continua a esbarrar na realidade do trabalho qualificado. Se a IA e a TA fossem tão universais quanto parte do marketing proclama, por que motivo os maiores recrutadores continuariam a exigir profissionais com experiência setorial, anos de especialização e certificações? A resposta, ao meu ver, é simples e não contraditória. A tecnologia é poderosa, mas está longe de ser tão boa, generalista e autocontrolada quanto se apregoa, por isso, precisa e continuará a precisar de tradutores profissionais para entregar qualidade exemplar. É também por isto que as mesmas organizações que promovem a IA procuram, ao mesmo tempo, perfis humanos qualificados. O paralelo histórico é instrutivo. O mundo da tradução já se alarmou com as *CAT-tools* e com a TA, mas a prática mostrou que nada desapareceu, mas muita coisa mudou. No mercado automóvel, por exemplo, os manuais de instruções, a documentação de segurança e as comunicações reguladas não deixarão de exigir intervenção humana substantiva, pela responsabilidade jurídica e pelo risco operativo associados. O que mudará é a composição desta intervenção, ou seja, onde, quando e como entra, e em que medida o tradutor recorrerá à IA para pré-processar conteúdos, identificar riscos, sugerir alternativas ou automatizar edições. Em suma, sim, a IA assusta, mas deve-se avançar com o futuro, e não recuar perante ele. Isto implica reconhecer que a tradução enquanto prática social e técnica não é dissolvida por uma tecnologia que, a cada iteração, continua a precisar de alguém que entenda não apenas as palavras, mas o que elas fazem nos diferentes tipos de texto.

Considerações Finais

O estágio curricular que realizei na RWS foi a conclusão perfeita do meu percurso académico. Durante a minha licenciatura em Estudos Gerais, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tive algumas dúvidas sobre o percurso que deveria seguir. Explorei as mais diversas áreas, desde artes até matemática, mas acabei por focar-me mais em tradução e em comunicação e cultura. Após pesquisar sobre os mestrados em tradução, acabei por escolher este. O Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos revelou-se melhor do que podia ter imaginado. Tive a oportunidade de aprender com os melhores professores e rodeada de colegas com variadas experiências. Toda a teoria que aprendi precisava de prática e foi na RWS que colhi os frutos de tanto trabalho e estudo. Consegui aplicar os conhecimentos que vinha a recolher desde a licenciatura até ao mestrado e perceber verdadeiramente que gosto do que faço.

Antes de iniciar o estágio estava um pouco reticente sobre ir para a equipa *Automotive*. A empresa agradava-me bastante, mas era intimidante pensar que iria traduzir textos sobre, por exemplo, peças de um camião. Foi por esse motivo que escolhi abordar a indústria automóvel e os seus desafios neste relatório. O meu objetivo era conseguir demonstrar que mesmo com receio no início, consegui fazer um bom trabalho. Reuni o máximo de dados possível, sempre tendo em atenção os aspetos de confidencialidade, para analisar ao detalhe os problemas reais do mundo da tradução e em particular nesta indústria. Durante o mestrado, pude aprender na cadeira de Tradução Técnica algum material que me foi útil. No entanto, foi graças a todos os projetos que fiz que pude aprofundar os meus conhecimentos acerca desta matéria. Numa área em que qualquer erro pode pôr em causa a segurança, achei pertinente poder enumerar alguns problemas e respetivas soluções.

Além disto, neste relatório pude explorar melhorar tópicos como as memórias de tradução, a pós-edição e a inteligência artificial, três conceitos/realidades que quando surgiram agitaram o mundo da tradução. Os estudos na área da tradução, comparativamente com outras áreas, são bastante recentes. Ainda assim, é interessante já se poder analisar padrões que se criam ao longo do tempo. Neste caso, o medo inicial de o trabalho humano desaparecer em tradução e o aumento da procura de tradução como repercussão. Atualmente, não há ninguém que me conheça e não me pergunte se eu não acho que vou

deixar de ter trabalho. Acho que depois de meses a trabalhar para este relatório saio com uma conclusão positiva. É impossível prever o que vai acontecer com todos os ramos da tradução, mas a tradução técnica terá sempre um lugar no mundo, seja por legislações que o impõem ou por preocupação, a nível da segurança, para com os utilizadores por parte das empresas.

Com o estágio e com a elaboração do relatório, aprendi que em tradução técnica é importante ter um conhecimento profundo sobre a área técnica, mas isso não é suficiente se as instruções não forem seguidas. Durante uma aula de Informática da Tradução, no 1.º Semestre do 1.º Ano do Mestrado, o professor Diogo Gonçalves partilhou com a turma que para ser um bom tradutor é necessário saber seguir instruções e cumprir regras, dizendo como exemplo que nas instruções dos testes havia sempre alguém que não substituíra o seu próprio nome, no local indicado, e ele acabava por corrigir alguns testes de vários “Diogo Gonçalves”, o nome que colocava a título de exemplo. A atenção e o rigor são as chaves para uma boa tradução.

Termino este ciclo com uma bagagem de conteúdos consolidados e pronta para evoluir ainda mais profissionalmente. Tenho orgulho do percurso que fiz até aqui e sinto-me mais que satisfeita com a experiência que retiro do mestrado. Superou as minhas expectativas desde o primeiro semestre e espero continuar a trabalhar nesta área que tanto tem de exigência como de interesse.

Referências Bibliográficas

- Aldawsari, H. A. H. (2023). Terminology Translation Challenges and Strategies in Automotive Texts: A Qualitative Study of English-Arabic Translation. *Bulletin of Advanced English Studies*, 8(2), 65–71. <https://doi.org/10.31559/BAES2023.8.2.3>
- Anderson, P. V. (1991). *Technical Writing: A Reader-Centered Approach* (2nd ed). Harcourt Brace Jovanovich.
- Baker, Mona. (1992). *In Other Words, A Coursebook on Translation*. Routledge.
- Bassnett-McGuire, S. (2014). *Translation Studies* (Fourth edition). Routledge.
- Byrne, J. (2006). *Technical Translation: Usability Strategies for Translating*. Springer Netherlands.
- Byrne, Jody. (2012). *Scientific and Technical Translation Explained: A Nuts and Bolts Guide for Beginners*. Routledge.
- Cao, Deborah. (2010). Legal Translation. In Gambier, Y., & Van Doorslaer, L. (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol.1) (pp. 191-195). John Benjamins Publishing Company.
- Empson, William. (1949). *Seven types of ambiguity*. Chatto & Windu.
- F. Gaspari, A. Toral, S.K. Naskar, D. Groves, and A. Way. (2014). Perception vs Reality: Measuring Machine Translation Post-Editing Productivity. In S. O'Brien, M. Simard, and L. Specia (Eds.), *Proceedings of the 11th Conference of the Association for Machine Translation in the Americas: Workshop on Post-Editing Technology and Practice* (pp. 60-72). Vancouver, BC. Canada: AMTA
- Green, S., Heer, J. and Manning, C.D. (2013). The efficacy of human post-editing for language translation. In *Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*. (pp. 439-448). Paris, France: ACM
- Heat something up*. (2025, setembro 17).
<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/heat-up>

- Kenny, D. (2011). Electronic tools and resources for translators. In *The Oxford Handbook of Translation Studies* (pp. 1-11). Oxford University Press.
<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199239306.013.0031>
- Kingscott, G. (2002). Technical Translation and Related Disciplines. *Perspectives: Studies in Translatology*, (Vol. 10) (pp. 247-255). Taylor & Francis.
- Malmkjær, K. (2011). *Meaning and translation*. In *The Oxford Handbook of Translation Studies* (pp. 1-10). Oxford University Press.
<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199239306.013.0009>
- Markel M. (2001). *Ethics in technical communication: A critique and synthesis*. Westport. CT : Ablex
- Mossop, B., Hong, J., & Teixeira, C. (2020). *Revising and editing for translators* (Fourth edition). Routledge.
- Newmark, Peter. (1995). *Approaches to translation*. Prentice-Hall
- Nord, C. (2006). *Text analysis in translation: Theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. (2nd ed). BRILL.
- Nord, C. (2014). *Translating as a purposeful activity: Functionalist approaches explained*. Routledge.
- O'Brien, Sharon. (2021). Post-editing. In Gambier, Y., & Van Doorslaer, L. (Eds.). (2021). *Handbook of Translation Studies* (Vol. 5) (pp.177-183). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/hts.5>
- Olohan, M. (2016). *Scientific and Technical Translation*. Routledge.
- Oni, Samuel. (2025). *The Impact of AI on the Translation Industry*. 19.
- Pięta, Hanna. (2021). Indirect Translation. In Gambier, Y., & Van Doorslaer, L. (Eds.). (2021). *Handbook of Translation Studies* (Vol. 5) (pp. 113-119). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/hts.5>
- Pinchuck, I. (1977). *Scientific and Technical Translation*. André Deutsch.

Sager, J. C. (1994). *Language engineering and translation: Consequences of automation*. John Benjamins.

Santilo, L. (2020). *Technical translation for the automotive industry*. [Dissertação de Mestrado]. Università degli Studi di Padova

Show, don't tell. Vanderbilt University. Obtido em 20 de setembro de 2025, de <https://www.vanderbilt.edu/writing/resources/handouts/show-dont-tell/>

Vermeer, Hans. (1989). Skopos and commission in translational action. In *Readings in Translation*. 173–202.

Xinyuan. (2025, abril 14). *Top 8 challenges of automotive translation—And how experts solve them*. <https://www.az-loc.com/automotive-translation-challenges/>

Warm (Someone/something) up. (2025, setembro 17). <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/warm-up>

Why are automotive translation services vital to the entire auto industry? - Latinobridge. (2020, julho 21). <https://latinobridge.com/blog/why-are-automotive-translation-services-vital-to-the-entire-auto-industry/>

Wright, Sue. (2011). Scientific, Technical, and Medical translation. In *The Oxford Handbook of Translation Studies* (pp. 1-12). Oxford University Press.

Anexos

Anexo 1- Lista de trabalhos realizados durante o estágio

Nº da tarefa	Data	Cliente	Tipo de tarefa	Total de palavras	Nº de palavras novas	Nº de Fuzzy Matches (75%-99%)	Área temática	Categoria do documento	Ferramenta de tradução
1	06/02/2025	Cliente 1	PE	402	250	100	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
2	06/02/2025	Cliente 2	PE	448	134	314	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
3	07/02/2025	Cliente 3	PE	2436	316	307	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
4	07/02/2025	Cliente 4	PE	436	368	68	Eletrotecnia	Informativo	Trados Studio
5	10/02/2025	Cliente 5	PE	454	340	80	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
6	10/02/2025	Cliente 6	PE	598	590	8	Sustentabilidade	Notícia, Artigo, Email	Trados Studio
7	10/02/2025	Cliente 1	PE	466	276	132	Sustentabilidade	Notícia, Artigo, Email	Trados Studio
8	11/02/2025	Cliente 7	PE	414	411	0	Eletromecânica	Informativo	Trados Studio
9	11/02/2025	Cliente 2	PE	585	49	536	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
10	11/02/2025	Cliente 8	PE	268	219	9	Eletrotecnia	Notícia, Artigo, Email	Trados Studio
11	12/02/2025	Cliente 6	PE	785	642	84	Eletromecânica	Informativo	Trados Studio
12	12/02/2025	Cliente 4	PE	791	419	338	Peças e Acessórios	Manual de instruções	Trados Studio
13	13/02/2025	Cliente 5	PE	1125	226	631	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
14	13/02/2025	Cliente 1	PE	885	531	186	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
15	14/02/2025	Cliente 7	PE	3355	303	271	Eletrotecnia	Notícia, Artigo, Email	Trados Studio
16	14/02/2025	Cliente 2	PE	437	371	66	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio

17	17/02/2025	Cliente 1	PE	514	132	266	Automóvel	Informativo	Trados Studio
18	17/02/2025	Cliente 4	PE	581	558	23	Eletromecânica	Informativo	Trados Studio
19	18/02/2025	Cliente 2	PE	541	446	95	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
20	18/02/2025	Cliente 7	PE	401	307	0	Informática	Informativo	Trados Studio
21	18/02/2025	Cliente 1	PE	718	343	292	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
22	19/02/2025	Cliente 7	PE	396	352	0	Marketing	Informativo	Trados Studio
23	19/02/2025	Cliente 5	PE	581	407	111	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
24	19/02/2025	Cliente 2	PE	596	429	167	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
25	19/02/2025	Cliente 1	PE	419	333	86	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
26	20/02/2025	Cliente 2	PE	436	170	166	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
27	20/02/2025	Cliente 6	PE	645	604	41	Marketing	Website	Trados Studio
28	24/02/2025	Cliente 6	PE	550	81	469	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
29	24/02/2025	Cliente 9	PE	594	109	200	Peças e Acessórios	Manual de instruções	Trados Studio
30	24/02/2025	Cliente 10	PE	360	334	26	Marketing	Website	Trados Studio
31	25/02/2025	Cliente 5	PE	701	579	81	Automóvel	Website	Trados Studio
32	25/02/2025	Cliente 9	PE	738	117	271	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
33	25/02/2025	Cliente 1	PE	750	404	324	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
34	26/02/2025	Cliente 3	PE	1263	509	168	Peças e Acessórios	Manual de instruções	Trados Studio
35	26/02/2025	Cliente 6	PE	1570	800	16	Eletromecânica	Website	Trados Studio
36	27/02/2025	Cliente 2	PE	337	113	124	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
37	27/02/2025	Cliente 4	PE	661	624	37	Marketing	Website	Trados Studio

38	27/02/2025	Cliente 2	PE	805	425	390	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
39	28/02/2025	Cliente 2	PE	592	161	431	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
40	28/02/2025	Cliente 6	PE	570	551	19	Marketing	Website	Trados Studio
41	03/03/2025	Cliente 11	PE	621	578	38	Eletrotecnia	Manual de instruções	Trados Studio
42	05/03/2025	Cliente 5	PE	647	569	78	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
43	05/03/2025	Cliente 5	PE	737	438	280	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
44	06/03/2025	Cliente 4	PE	462	412	44	Marketing	Website	Trados Studio
45	06/03/2025	Cliente 2	PE	910	240	670	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
46	07/03/2025	Cliente 12	TR	838	799	36	Marketing	Website	Trados Studio
47	07/03/2025	Cliente 5	PE	636	494	90	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
48	10/03/2025	Cliente 1	PE	708	242	151	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
49	10/03/2025	Cliente 2	PE	895	688	207	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
50	11/03/2025	Cliente 7	PE	373	370	0	Peças e acessórios	Informativo	Trados Studio
51	11/03/2025	Cliente 2	PE	443	47	196	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
52	12/03/2025	Cliente 3	PE	2314	241	452	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
53	12/03/2025	Cliente 2	PE	799	197	602	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
54	13/03/2025	Cliente 9	TR	609	331	240	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
55	13/03/2025	Cliente 2	PE	916	438	478	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
56	14/03/2025	Cliente 6	PE	399	379	20	Eletromecânica	Informativo	Trados Studio
57	14/03/2025	Cliente 2	PE	503	454	49	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
58	17/03/2025	Cliente 1	PE	905	746	55	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio

59	17/03/2025	Cliente 5	PE	633	487	101	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
60	18/03/2025	Cliente 13	TR	862	161	251	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
61	18/03/2025	Cliente 6	PE	503	454	49	Marketing	Website	Trados Studio
62	19/03/2025	Cliente 2	PE	692	270	422	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
63	19/03/2025	Cliente 1	PE	886	510	376	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
64	20/03/2025	Cliente 14	TR	486	448	20	Jurídica	Termos e condições	Trados Studio
65	20/03/2025	Cliente 14	TR	904	555	214	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
66	21/03/2025	Cliente 1	PE	906	558	235	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
67	21/03/2025	Cliente 3	PE	497	334	44	Peças e Acessórios	Manual de instruções	Trados Studio
68	24/03/2025	Cliente 2	PE	793	399	394	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
69	24/03/2025	Cliente 1	PE	509	151	358	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
70	25/03/2025	Cliente 2	PE	473	400	73	Automóvel	Website	Trados Studio
71	25/03/2025	Cliente 1	PE	375	151	216	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
72	26/03/2025	Cliente 3	PE	825	800	8	Peças e Acessórios	Manual de instruções	Trados Studio
73	26/03/2025	Cliente 2	PE	634	100	543	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
74	27/03/2025	Cliente 6	TR	360	352	8	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
75	27/03/2025	Cliente 2	PE	433	354	79	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
76	27/03/2025	Cliente 15	TR	526	200	326	Peças e Acessórios	Manual de instruções	Trados Studio
77	28/03/2025	Cliente 2	PE	1152	341	811	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
78	28/03/2025	Cliente 3	PE	2571	320	400	Peças e Acessórios	Manual de instruções	Trados Studio
79	31/03/2025	Cliente 16	TR	756	480	142	Eletromecânica	Manual de instruções	Phrase

80	31/03/2025	Cliente 2	PE	1033	621	412	Informática	Manual de instruções	Trados Studio
81	01/04/2025	Cliente 1	PE	1280	522	713	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
82	01/04/2025	Cliente 17	TR	936	747	189	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
83	02/04/2025	Cliente 2	PE	1143	133	1010	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
84	02/04/2025	Cliente 2	PE	977	63	914	Automóvel	Títulos	Trados Studio
85	03/04/2025	Cliente 15	PE	924	711	185	Automóvel	Aplicação	Trados Studio
86	03/04/2025	Cliente 6	PE	844	754	78	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
87	04/04/2025	Cliente 19	TR	672	474	165	Automóvel	Manual de instruções	Smartling
88	04/04/2025	Cliente 18	PE	1102	862	235	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
89	07/04/2025	Cliente 19	TR	467	227	90	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio 2021
90	07/04/2025	Cliente 4	PE	1396	296	507	Automóvel	Boletim de assistência	Trados Studio
91	08/04/2025	Cliente 2	PE	440	106	334	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
92	08/04/2025	Cliente 12	TR	778	599	110	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
93	09/04/2025	Cliente 2	PE	1074	95	979	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
94	09/04/2025	Cliente 1	PE	559	427	9	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
95	10/04/2025	Cliente 9	TR	2674	833	617	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
96	10/04/2025	Cliente 1	PE	354	294	55	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
97	10/04/2025	Cliente 1	PE	332	218	114	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
98	11/04/2025	Cliente 6	TR	622	517	105	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
99	11/04/2025	Cliente 2	PE	466	85	381	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio

100	14/04/2025	Cliente 2	PE	1498	839	659	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
101	15/04/2025	Cliente 20	TR	4000	1700	300	Peças e Acessórios	Informativo	Trados Studio
102	16/04/2025	Cliente 3	PE	584	243	155	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
103	16/04/2025	Cliente 3	PE	1095	208	544	Peças e Acessórios	Manual de instruções	Trados Studio
104	17/04/2025	Cliente 5	PE	434	375	37	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
105	17/04/2025	Cliente 1	PE	951	342	609	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
106	21/04/2025	Cliente 3	PE	679	222	305	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio
107	21/04/2025	Cliente 4	TR	1493	634	800	Automóvel	Aplicação	Trados Studio
108	22/04/2025	Cliente 2	PE	848	762	80	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
109	22/04/2025	Cliente 2	PE	473	400	73	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
110	22/04/2025	Cliente 3	PE	1679	199	336	Peças e Acessórios	Manual de instruções	Trados Studio
111	23/04/2025	Cliente 3	TR	869	111	479	Peças e Acessórios	Manual de instruções	Trados Studio
112	23/04/2025	Cliente 18	PE	4241	996	617	Automóvel	Aplicação	Trados Studio
113	24/04/2025	Cliente 2	PE	657	400	157	Automóvel	Livro de exercícios	Trados Studio
114	24/04/2025	Cliente 16	PE	756	480	130	Eletromecânica	Manual de instruções	Phrase
115	28/04/2025	Cliente 1	PE	509	151	358	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
116	28/04/2025	Cliente 5	TR	552	551	0	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio (Projeto Evolve)
117	29/04/2025	Cliente 1	TR	387	301	79	Automóvel	Manual de instruções	Trados Studio
118	30/04/2025	Cliente 3	TR	900	700	112	Eletromecânica	Manual de instruções	Trados Studio

Anexo 2- Lista de trabalhos realizados durante o estágio



Declaração de conclusão de estágio curricular

Declaramos, para os devidos efeitos, que Camila Nunes Pereira, estudante do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da Universidade do Porto, realizou o estágio curricular correspondente ao referido ciclo de estudos na SDL Portugal, atualmente parte da empresa RWS Group, entre 3 de fevereiro e 30 de abril de 2025, conforme estabelecido no protocolo de cooperação celebrado entre a empresa e a Universidade do Porto. Durante este período, foram cumpridas 8 horas diárias de trabalho, num total de 488 horas.

Os objetivos do estágio incluíam a familiarização com os processos de trabalho das equipas de tradução e de gestão de projetos, bem como com as ferramentas de apoio à tradução utilizadas, nomeadamente as desenvolvidas pela própria empresa. Incluíam ainda a realização, em ambiente de trabalho real, de traduções e pós-edições do inglês para português, abrangendo diversos setores e níveis de dificuldade, com qualidade satisfatória e progressivamente crescente ao longo do estágio, contribuindo para o bom funcionamento e eficiência da equipa.

Consideramos que os objetivos foram globalmente cumpridos. A Camila foi pontual e assídua, demonstrando um elevado sentido de responsabilidade. Revelou também um bom domínio das suas línguas de trabalho, produzindo textos precisos e de leitura fluente. Geriu bem o tempo e manteve um elevado nível de profissionalismo, comunicando de forma clara e eficaz com a equipa.

Durante o estágio, foi notório o esforço da Camila em aplicar o *feedback* recebido, o que se traduziu numa melhoria contínua dos trabalhos realizados, tanto em termos de qualidade como de celeridade. Manteve sempre uma atitude positiva perante as colegas de equipa e os desafios propostos, bem como uma grande predisposição para a aprendizagem e proatividade na resolução de dúvidas linguísticas e técnicas, demonstrando verdadeiro interesse em compreender todos os processos e métodos utilizados na empresa.

Por estes motivos, consideramos que o estágio curricular da Camila atingiu o nível de avaliação "Muito bom".

Porto, 6 de junho de 2025.

A orientadora do estágio,
Luísa Vaz Matos
SDL Portugal, Unipessoal, Lda.



Assinado por: Maria Luísa
Soares de Azevedo Vaz Matos
Identificação: B113000087
Data: 2025-06-06 às 21:29:19

T: [+351 22 1208570](tel:+351221208570) | **E:** mluisavaz@rws.com | **W:** www.rws.com

RWS Group, Campo 24 de Agosto, 129, 8.º piso, 4300-504 Porto, Portugal